

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
E WALDO VIEIRA

A VIDA ESCREVE

pelo Espírito de
HILÁRIO SILVA



S

Almerindo M. de Castro

LIÇÕES DA VIDA

(1ª edição)

Rico em sua variedade de assuntos, é um livro que prende e agrada sobremaneira o leitor, levando-o a interpretar a razão de ser de muitos acontecimentos da vida diária (desastres, homicídios, ódios, suicídios, fracassos diversos, etc.), os quais, aos espíritos desprevenidos ou desatentos, se apresentam sem motivo aparente ou sem explicação convincente.

O ilustre escritor demonstra que em muitas coisas tidas por absurdas ou injustas existe sempre uma lição eloquente e cheia de ensinamentos preciosos.

PRIMEIRO MANUAL DE ESPERANTO

Curso breve, com chaves de exercícios para estudo sem mestre. É o Compêndio mais habilmente preparado que até hoje se publicou para um estudo rápido e fácil do Esperanto.

A VIDA ESCRREVE

LIVRARIA ESPÍRITA
Av. Leopoldino de Oliveira, 318
CAIXA POSTAL, 56
UBERABA — MINAS GERAIS

Este livro foi composto na ortografia usada pela Editora, ou seja, a de 1943, com algumas das modificações propostas pela de 1945.

Francisco Cândido Xavier

e

Waldo Vieira

★ imensas com o nome Antonio e

A VIDA ESCREVE

Aos que
Dulce,
grande abraço!

Ditado pelo Espírito
de

HILÁRIO SILVA

Waldo Vieira

1ª Edição

Uberaba, 16-9-60



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
(Departamento Editorial)

Rua Figueira de Melo, 410 e Avenida Passos, 30
RIO DE JANEIRO

Composto e Impresso
nas oficinas da
— FEDERAÇÃO —

92-RF; 15.020-L; 960

Índice

Páginas

<i>Novo servidor</i>	7
<i>A vida escreve</i>	9

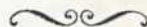
Primeira Parte

1 — Dever cristão	13
2 — O grito	16
3 — Perigo iminente	18
4 — Conselho trocado	22
5 — O preço da remissão	24
6 — O livro-libelo	27
7 — Rendição	30
8 — Sinais	34
9 — O lar das crianças	36
10 — O mais difícil	41
11 — O móvel da obsessão	43
12 — Incêndio na serraria	45
13 — Um caso de ciúme	50
14 — Pergunta contra pergunta	58
15 — Frutos	59
16 — Instantâneo	61
17 — O conto da mosca	63
18 — Deus e nós	66
19 — Só cresce para baixo	68
20 — A moratória	70
21 — A voz do Evangelho	76
22 — Em combate	79
23 — Boca torta	82
24 — O bico de gás	85
25 — Amigos	89
26 — O colar de pérolas	91
27 — Surpresa de magistrado	93
28 — Por telefone	96

Páginas

Segunda Parte

1 —	Página de Anália	105
2 —	O encontro	108
3 —	Dentro da própria casa	114
4 —	Contrabando	116
5 —	Na hora do passe	118
6 —	O temor da morte	121
7 —	Por cinco dias	123
8 —	Não vale a pena	126
9 —	Claudino e a lavoura	129
10 —	O aparte	132
11 —	Jesus mandou alguém	134
12 —	Mesmo ferido	137
13 —	Ouro e batatas	139
14 —	O negócio da doação	144
15 —	O cartaz	147
16 —	Calvário maternal	149
17 —	Que acha o irmão?	156
18 —	Carrancismo	158
19 —	Outra opinião	160
20 —	O merecimento	162
21 —	A fala de cada um	167
22 —	Suicida	169
23 —	Presente imprevisto	179
24 —	O bom homem	181
25 —	Lola-Leila	184
26 —	Último argumento	188
27 —	Visão de Eurípedes	192
28 —	O ensino da Luz	195



Novo Seruidor

Incorporando-se ao trabalho que nos foi concedido, Hilário, desde o princípio da tarefa, compreendeu o imperativo de renovação, portas adentro de nossa atividade espiritual.

Observou que a Doutrina Espírita, alcançando a mente popular, exige novas formas de pensamento para a transformação justa da vida.

Reconheceu que, sem ideias claras, os hábitos não se regeneram e as atitudes não se definem.

Percebeu que muita gente, em contacto com a verdade, liberta a cabeça de prejuízos e preconceitos, continuando, porém, com os pés algemados a ilusões e convenções.

Entendeu que a maioria tem dificuldades para a leitura digerida dos volumes especializados.

Reparou que muitos companheiros rogam orientação, à maneira de doentes que possuem receitas seguras no bolso, mas se esquivam ao remédio por falta de tempo.

Anotou o imperativo de se veicularem os nossos princípios, através das mais diversas vias de leitura e conhecimento, ao alcance do povo.

E idealizou a produção de páginas ligeiras, em que a informação do Plano Espiritual pudesse chegar com facilidade ao entendimento comum.

Munindo-se, desse modo, de conclusões e anotações, valeu-se das faculdades de dois médiuns

amigos (1) e grafou o livro que nos apresenta de coração para coração.

Constituída de retalhos do cotidiano, aqui temos, assim, a sua mensagem simples e fraterna, convidando-nos a pensar.

Entregando-a, pois, aos irmãos de ideal e de luta, pedimos ao Divino Mestre abençoe o novo servidor para que se enriqueça de paz e trabalho, em sua leira de luz.

EMMANUEL

Uberaba, 2 de Fevereiro de 1960.

(Médium: Francisco Cândido Xavier.)



(1) A convite do Espírito de Hilário Silva, os médiuns Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier receberam respectivamente a primeira e a segunda parte deste livro.

A Vida Escreve

Sim, a vida escreve em toda parte aquilo que pensamos.

*

O caderno em branco chama-se Tempo.

E nós somos autores de todos os capítulos que se desenrolam por fatos vivos, no livro da Eternidade.

*

Aqui, a tragédia assombra.

Ali, o drama chora.

Além, a comédia ri.

Adiante, o poema enleva.

*

Anota, desse modo, aquilo que desejas, de vez que a vida expressa tudo quanto queremos.

Contadora divina, soma os atos, subtrai influências, multiplica valores, divide compromissos e dá-nos a equação de tudo quanto é hoje, a fim de que saibamos o que seja Destino, para nós, amanhã.

HILÁRIO SILVA

Uberaba, 2 de Fevereiro de 1960.

(Médium: Waldo Vieira.)

PRIMEIRA PARTE

Médium: WALDO VIEIRA

Dever cristão

Rossi e Alves eram diretores de conhecido templo espírita e davam-se muito bem na vida particular. Afinidade profunda. Amizade recíproca. Sempre juntos nas boas obras, integravam-se perfeitamente no programa do bem.

Alves, com desapontamento, passou a saber que Rossi, nas três noites da semana sem atividades doutrinárias, era visto penetrando a porta de uma casa evidentemente suspeita, lugar tristemente adornado para encontros clandestinos de casais transviados.

Persistindo semelhante situação por mais de um mês, Alves, certa noite, informado de que o amigo entrara na casa referida, veio esperá-lo à saída.

Dez, onze, meia noite...

Alguns minutos depois de zero hora, Rossi saiu calmo e o amigo abordou-o.

— Meu caro — advertiu Alves, sisudo —, não posso vê-lo reiteradamente neste lugar. Você é casado, pai de família e, além de tudo,

carrega nos ombros a responsabilidade de mentor em nossa Casa. Nada podemos condenar, mas você não ignora que álcool e entorpecentes, aí dentro, andam em bica...

Rossi coçou a cabeça num gesto característico e observou:

— Não há nada. Estou apenas cumprindo um dever cristão.

— Dever cristão?

— Sim, a filha de um dos meus melhores amigos está frequentando este círculo. Jovem inexperiente. Ave desprevenida em fumaça de lobos. Enganada por lamentável explorador de meninas, acreditou nele... Mas a batalha está quase ganha. Convidei-a a pensar. Há mais de um mês prossegue a luta. Hoje, porém, viu com os próprios olhos o logro de que é vítima. Acredito que amanhã surgirá renovada...

E ante os olhos desconfiados do amigo:

— Você sabe. E' preciso agir, sem rumor, sem escândalo. Quem sabe? Talvez em futuro próximo a invigilante pequena possa encontrar companheiro digno. E ser mãe respeitada.

Alves riu-se às pampas, de maneira escarantina, e falou:

— Vou ver se é verdade.

— Não, não! Não vá! — pediu Rossi, em súplica ansiosa.

— Tem medo de ser apanhado em men-

tira? — disse Alves, com a suspeita no rosto.

E sem mais nem menos entrou casa a dentro, encontrando, num pequeno salão, sua própria filha chorando ao pé de um cavalheiro desconhecido...



2

O grito

— Uma boa palavra auxilia sempre. Às vezes, supomo-nos sòzinhos e proferimos inconveniências. Desajudamos quando podíamos ajudar. E' preciso aproveitar oportunidades. Falar é um dom de Deus. Se abrimos a boca para dizer algo, saibamos dizer o melhor.

A pequena assembleia ouvia atenta a palavra de Sálus, o instrutor espiritual que falava pelo médium.

— Não adianta repetir frases inúteis. E é sempre falta grave conferir saliência ao mal. Comentemos o bem. Destaquemos o bem.

Dentre todos os presentes, Belmiro Arruda escutava em silêncio.

*

Decorridos alguns dias, Arruda, nas funções de pedreiro-chefe, orientava o término da construção de grande recinto. O enorme salão parecia completo. Tudo pronto. Acabamento esmerado. Pintura primorosa.

— Experimentemos a acústica — disse o engenheiro superior.

E virando-se para Belmiro:

— Grite algo.

Arruda, recordando a lição, bradou:

— Confia em Jesus!... Confia em Jesus!...

O som estava admiravelmente distribuído.

Os operários continuavam na sua faina, quando triste homem penetra o recinto. Cabeleira revolta. Semblante transtornado.

— Quem mandou confiar em Jesus? — perguntou.

Alguém aponta Belmiro, para quem ele se dirige, abrindo os braços.

— Obrigado, amigo! — exclamou.

E mostrando um revólver:

— Ia encostar o cano ao ouvido, entretanto, escutei seu apelo e sustei o tiro... Queria morrer no terreno baldio da construção, mas sua voz acordou-me... Estou desempregado, há muito tempo, e sou pai de oito filhos... Jesus, sim! Confiarei em Jesus!...

Arruda abraçou-o, de olhos húmidos. O caso foi conduzido ao conhecimento do diretor do serviço. E o diretor, visivelmente emocionado, estendeu a mão ao desconhecido e falou:

— Venha amanhã. Pode vir trabalhar amanhã.



Perigo iminente

Basílio chegara ao rancho, ao pôr do Sol.

Comeu calmamente o guisado de palmito que Emerenciana lhe dera a jantar. Saboreou, em seguida, a pamonha bem feita, e se dispôs a sair. A esposa viajara na véspera, em visita a parentes.

O calor abafava.

— Meren — disse à doce vovó que arranjava a cozinha —, deixe a casa aberta. Vou até ao curral, mas já volto.

E, passo lesto, chegou ao cercado, onde a vacaria procurava descanso, mastigando o repasto. Acariciou o bezerro da Lilinda, que nascera robusto, e melhorou a cama de palha. Dirigiu-se, depois, ao moinho e renovou a provisão de milho para o fubá. Ar parado.

A Lua apareceu inteirinha.

Basílio visitou, não longe, a casa de Jorge, companheiro do arado, e ambos, felizes da

vida, se dirigiram ao mandiocal, espantando os tatus.

Dez da noite quando voltou.

Emerenciana premia a máquina com o pé e costurava, fitando o pano com atenção pelos óculos fortes.

— Boa noite, vó — disse ele, depois de cerrar as janelas.

— Durma com Deus, meu filho.

Basílio beijou-lhe a mão encarquilhada e lhe enviou um sorriso bom.

No quarto, ouviu por alguns instantes as cigarras cantarem, perto, como se quisessem esquecer o vigor da canícula. Não tinha sono. Contudo, no outro dia, bem cedo, o milharal novo esperava por ele, acima do barroco.

Sentia falta da esposa. Ainda assim, como na noite anterior, leria, a sós, o “momento espiritual”.

Acendeu o candeeiro e sentou-se renteando a cama toda branquinha.

Orou por alguns instantes e, logo após, tomou “O Evangelho segundo o Espiritismo” e abriu ao acaso. Surgiu-lhe aos olhos, no capítulo vinte e oito, dedicado à oração, o item 34: “Num perigo iminente.” Tratava-se de uma prece para ocasião importante.

“Como é isso? Já orei...” — pensou. E, fechando as páginas, descerrou-as de novo. Queria material para refletir. Entretanto, o

livro ofereceu-lhe a mesma passagem. Porquê?

Intrigado, voltou à consulta. O volume, porém, como se mantido por mãos invisíveis, deu-lhe a mesma resposta.

Basílio fêz-se grave. Não poderia ser coincidência. Algum benfeitor espiritual, que os seus olhos de carne não conseguiam ver, certamente o prevenia.

Recordou um amigo que desencarnara, semanas antes, de um colapso cardíaco. Em rápidos segundos, considerou que a vida é patrimônio de Deus, que Deus a dá e retoma, quando lhe apraz. Agradeceu à Divina Bondade o benefício da consciência tranquila e, baixando o olhar para a folha, repetiu, solenemente: "Deus Todo-Poderoso e tu, meu anjo guardião, socorrei-me! Se tenho de sucumbir, que a Vontade de Deus se cumpra. Se devo ser salvo, que o restante da minha vida repare o mal que eu haja feito e do qual me arrependo."

Depondo o Evangelho sobre a colcha do leito, ergueu-se, pensativo, e abriu novamente a janela, buscando a visão do céu. Debruçou-se para a noite.

Estaria, acaso, em momento crucial, que ele mesmo desconhecia? Nisso, porém, ouviu leve cicio à retaguarda. Na luz frouxa do candeeiro projeta-se um vulto.

— Quem é? — grita ele, aprontando a defensiva.

Volta-se inquieto e estaca, lívido. Acordada de chofre ao impacto do livro, colocado na cama, enorme cascavel emergira dos lençóis e, a fitá-lo, ameaçadora, preparava-se para desferir-lhe o golpe certo...



Conselho trocado

No Rio de Janeiro, pequeno grupo de companheiros, no culto da assistência, entrou no presídio da Rua Frei Caneca.

Distribuição de lembranças e guloseimas.

Passando por determinada cela, D. Almira Barbosa ouve a voz de um encarcerado:

— Madame, quer arranjar-me um cigarro, por favor?

D. Almira volta-se para ele e começa a doutrinar.

Diz-se habituada aos serviços da saúde, fala dos prejuízos do fumo, comenta os imperativos da higiene, explana sobre as despesas trazidas pelo hábito de fumar e refere-se ao câncer do pulmão.

O preso observa a senhora, calmamente, dos pés à cabeça.

Quando termina, replica fleumático:

— Ora, madame, quem, neste mundo, está sem algum costume censurável? A senhora é

assistente de saúde, eu sou sapateiro. Com certeza, não fuma; entretanto, tem belos sapatos "Luís XV", que lhe prejudicam a saúde. Já pensou nos perigos do salto alto? A senhora me desculpe, mas tanto erro eu com o cigarro reprovável quanto a senhora com o calçado inconveniente.



O preço da remissão

I

No grande castelo português do século XVII, José Antônio Maria de Alenquer, jovem senhor feudal, chama os três servidores mais íntimos a conselho.

Quer liquidar José Joaquim, o pequeno bastardo, nascido nos últimos tempos da existência do pai viúvo.

Manuel Macário, o mordomo, a esposa e a filha ouvem-no, interessados.

Ganharão pequena fortuna pela cumplicidade.

E José Joaquim, menino de sete anos, que se deslumbra perante a vida, é conduzido pelos quatro a extenso poço lotado de peixes vorazes. E, enquanto a criança fita o bojo das águas, o irmão desapiedado arroja-lhe o corpo frágil no precipício.

Leve rumor.

Um grito abafado. E depois o silêncio.

José Antônio Maria de Alenquer senhora enorme herança. E a vida continua...

II

8 de Fevereiro de 1957. Telegrama dos jornais:

"A criança foi devorada em vida pelas piranhas!

Em poucos minutos, dela só restava o esqueleto!

Presenciada pelos pais do menor a horripilante cena!

A população da pequena cidade de Monte Alegre, no Baixo-Amazonas, ainda não se refez do choque emocional causado pela tragédia que envolveu uma criança de sete anos, devorada em vida e em poucos minutos por um cardume de famintas piranhas e, o que é pior, na presença dos pais e de irmã menor, todos horrorizados.

O menino Adílson, a vítima, filho do pescador Darlan, era uma criança muito estimada pela sua vivacidade e seu temperamento ameno. No dia em que perdeu a vida, de maneira tão brutal, havia sido mandado pelo pai, em companhia de sua irmã Josefina, de onze anos, numa pequena canoa, a fim de levar um recado a um conhecido, na outra margem do rio

Gurupatuba, que corre nos fundos da casa do pescador.

Já no meio da travessia, Adilson, a um movimento menos feliz, perdeu o equilíbrio e caiu na água.

Incontinenti, o local onde mergulhou o menor tingiu-se de sangue.

A infortunada criança caíra exatamente num cardume de vorazes piranhas, que em poucos minutos, ou mesmo segundos, a devoraram.

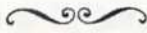
Horrorizados, os pais de Adilson e a irmãzinha do menino assistiram à cena impressionante, sem nada poderem fazer, tal a conhecida rapidez com que age essa espécie de peixe.

Refeito da brutalidade da cena e passado o cardume, o pai de Adilson, como um louco, mergulhou nas profundas águas do rio e de lá voltou trazendo, apenas, um esqueleto, quase totalmente descarnado.

Essa ocorrência deixou chocados a quantos dela tiveram conhecimento."

III

A voracidade das piranhas e o assombro da pequena família foram o preço da remissão da falta cometida...



6

O livro-libelo

O distinto causídico não ocultava a ojeriza que experimentava pela Doutrina Espírita. Fosse onde fosse, se a conversa versasse sobre algum tema de Espiritismo, escorregava deliberadamente para o sarcasmo. "Essa história de Espiritismo só num tratado psiquiátrico" — dizia, irônico —, e destilava pequenas difamações como quem debulhava espigas de brasas. Tão azedo adversário se fizera, que aproveitou largo período de férias, em fazenda silenciosa, para escrever um livro contra os postulados espíritas. Livro-acusação. Livro de ódio. Nos serões caseiros, costumava ler para os amigos esse ou aquele trecho, em que médiuns eram denunciados e apupados de maneira cruel. E riam-se, ele e os companheiros, entre um e outro gole de uísque, salpicando a lama esfogueante em forma de letras.

O distinto advogado assumia as primeiras responsabilidades para enviar o volume à editora, quando sobreveio o inesperado.

Dirigia carro elegante, nas proximidades de um grupo escolar, quando atarantado pequeno, a correr desorientado, lhe cai sob as rodas.

Um passarinho sob um trator não morreria mais depressa.

Tumulto. Autoridades em cena.

Ele mesmo, suportando os impropérios do povo, apanha o cadáver minúsculo e, de coração agoniado, busca a residência da vítima.

Em sã consciência não é culpado, mas tem o coração alanceado de intensa dor.

Chorando copiosamente, entrega o menino morto aos pais em pranto, que o recebem sem a mínima queixa.

O pai acaricia os cabelos da criança, em silêncio, e a mãezinha ora em lágrimas.

Deseja ser humilhado, acusado, ferido. Isso, decerto, lhe diminuiria a tensão. Encontra ali, porém, apenas a resignação e a serenidade.

O advogado consulta então a família sobre a instauração do processo de indenização, mas o chefe da família responde, firme:

— Nada disso. O doutor não teve culpa alguma. Ninguém faria isso por querer... Os desígnios de Deus foram cumpridos...

E a mãe do menino, enxugando o rosto, acrescenta:

— Choramos, como é natural, mas não

desejamos indenização alguma. Deus sabe o que faz.

O causídico, de olhos vermelhos, considerou:

— Então...

Mas o dono da casa cortou-lhe a palavra, acentuando:

— Doutor, não se preocupe... Compreendemos perfeitamente que o senhor não tem culpa... O senhor está sofrendo tanto quanto nós... Ore conosco, a fim de acalmar-se...

Admirando-lhes a paciência cristã, o causídico indagou, vacilante:

— Que religião professam?

— Nós somos espíritas — informou o pai da pequena vítima.

O advogado baixou a cabeça e ali permaneceu, sensibilizado e prestimoso, até à realização dos funerais.

E à noite, em casa, de coração oprimido e transformado, fechou-se no quarto e rasgou o livro-libelo que havia escrito.



Rendição

Tudo fizera para pagar os quinhentos mil cruzeiros...

Desesperava-se.

Tudo debalde...

O desejo de auto-eliminação escaldava-lhe o crânio.

Sentia a necessidade de orar... Mas, como?

Abnegado amigo dispôs-se a conduzi-lo a determinado templo espírita, a fim de que pudesse recolher algum esclarecimento e consolo.

Apreensivo, recebeu a palavra de generoso Mentor, que lhe dizia, em página breve:

— “Irmão Avelino. Deus esteja conosco. Não desespere. Simples quarto de hora está revestido de imenso valor e, por vezes, modifica inteiramente o destino. Volte ao lar e ouça Jesus no Evangelho. Sòmente o Evangelho guarda bastante luz para a solução de nossos problemas.”

Terminada a reunião, afastou-se Avelino, sem dar-se por satisfeito.

Estava desapontado e desgostoso. Fugiria do mundo. Ninguém lhe evitaria semelhante propósito.

Ao retornar a casa, inquieto em suas cogitações, reparou que os faróis do ônibus incidiram sobre a frente de um transportador de carga, a movimentar-se em sentido contrário, e pôde ler, nitidamente, no pára-choque:

— “Deus viaja conosco.”

Sorriu, irônico.

“Todo motorista é engraçado” — pensou.

Chegando em casa, entrega-lhe a esposa afetuosa carta de um companheiro.

Retira-lhe o conteúdo.

Começa a leitura e esbarra com a saudação:

— “Deus esteja conosco, hoje e sempre.”

Deixou a missiva, contrafeito, e falou de si para consigo:

— “Sempre a filosofia religiosa!...”

Ainda assim, enfadado de tudo, notou que a esposa andara lendo o Evangelho, porque um exemplar do Novo Testamento descansava na mesa, a pequena distância.

Mais curioso que interessado, abriu o livro, e seus olhos caíram sobre o versículo onze do capítulo treze, na segunda carta do Apóstolo Paulo aos Coríntios:

— “Quanto ao mais, regozijai-vos, sede

perfeitos, sede consolados, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco."

Abandonou o livro, desalentado.

Esparramou-se em velha poltrona e ouviu conhecido locutor encerrando o programa naquelas primeiras horas da madrugada:

— "Deus esteja conosco."

Desligou o aparelho, sem dizer palavra.

Beijou a esposa, então recolhida, com o enternecimento de quem se despede pela última vez.

Tornou à copa.

Estava decidido. Terminaria tudo.

O gargalo de uma garrafa verte a cerveja sobre alta dose de violento corrosivo.

Antes, porém, do gesto infeliz, pensa um pouco.

Fita, angustiado, a cena familiar que o rodeia...

No cimo de grande armário vê, rasgado, o verde papagaio de papel que lhe recorda o filhinho.

Guardando a taça entre as mãos, dirige-se ao quarto próximo e inclina-se, quase em pranto, para Ricardo, o garoto que dorme.

O leito, pressionado, estala de leve e o menino acorda, atarantado.

À frente da inesperada visita, atira-se nos braços paternos, fazendo ir ao chão o copo

que se estilhaça no piso, ao mesmo tempo que exclama, expansivo:

— Papai! Papai! Hoje na aula escrevi sem errar o primeiro ditado da professora: "Confiemos em Deus!"

Avelino, agora chorando e rindo, abraçou o petiz.

Deus vencera!

Deus que o cercava por toda a parte ajudá-lo-ia a pagar os quinhentos mil cruzeiros.

— Obrigado, meu filho! — clamou, feliz, levando o lenço aos olhos.

A seguir, descerrando larga janela, contemplou o céu rutilante de estrelas...

E, tomado de júbilo inconsciente, gritou, espontâneo:

— Obrigado, meu Deus!

Delirando de alegria, apertou o filhinho com mais ternura e, aliviado enfim, respirou, a longos haustos, como se tivesse encontrado a felicidade pela primeira vez...



Sinais

Na reunião íntima, o benfeitor espiritual Bittencourt Sampaio falava pelo médium, com propriedade e beleza.

Em certo ponto da preleção, dizia, veemente:

— Revelamos os nossos sinais dominantes, nas manifestações pequeninas. Cada um tem reflexos diferentes. O heroísmo na praça pública pode ser mero fruto de circunstâncias especiais. E' o cotidiano que nos revela o íntimo, nos gestos mais apagados, nas mínimas ações. A maldade aparece num ato de cólera. A calúnia por vezes se entremostra numa simples palavra. A leviandade vem à baila num vago sorriso. A avareza, em muitas ocasiões, surge num vintém...

Nisso, alguém bate à porta cerrada. E o silêncio cai, pesado, no ânimo dos ouvintes...

O visitante, não se vendo logo atendido, insiste com mais força. Pancadas violentas: duas, três, cinco vezes...

O instrutor desencarnado retoma a palavra e explica:

— Estudemos. A pessoa que nos procura talvez seja um modelo de cortesia na vida social; entretanto, pelo seu comportamento atrás da porta, anuncia claramente que um dos seus reflexos mais altos é a impaciência.



9

O lar das crianças

I

Amigos espirituais diversos, estávamos a postos. E os companheiros encarnados iam chegando.

Seriam discutidos os estatutos para a fundação do lar de crianças, junto a grande organização espírita.

Mesa redonda.

Cada qual poderia expender francamente seus pontos de vista. Desabafo. Franqueza. Antes, porém, o cafèzinho. E, ao cafèzinho, Augusto Franco, conselheiro da casa e dos mais experientes, argumentava:

— Se Deus não se compadece da Humanidade, estaremos perdidos. O campo social é manicômio sem portas. Todos brincam de viver. Há por toda a parte soberano desprezo ao trabalho, e o vício e a criminalidade vão crescendo. Abusos no cinema. Preguiça delituosa. Todas as bebidas liberadas. Maconha. Máqui-

nas e empregados para todos os misteres. Residências superluxuosas. Festas inoportunas. Há domicílios com bilhares, bar interno, cinema próprio, salões de baile e piscinas, quando temos milhares de companheiros a quem falta o estritamente necessário. Altas rodas passam a noite no pif-paf. Pais e mães abandonam meninos a criaturas mercenárias que, muitas vezes, lhes administram entorpecentes para estarem, durante a noite, mais à vontade. E, em consequência, temos a granel quadrilhas juvenis, tragédias passionais, crianças delinquentes e vagabundos inveterados.

E alongou-se a crônica verbal.

O ponderado orientador da casa, tantas vezes esteio firme da instituição, registou com acerto todos os desacertos do mundo.

A pequena assembleia ouvia, ouvia...

Nisso, porém, o horário avançou além do tempo previsto.

— E a nossa reunião? — perguntou Franco, percebendo que retardara.

Os companheiros, todavia, pareciam desenhados... Todos monossilábicos.

— Creio seja melhor adiar... — disse Cunha, o presidente da casa.

E Leivas, o tesoureiro, aderiu, aprovando com a cabeça.

— Outro dia... — acrescentou D. Ricardina, a secretária.

E todos os demais, à uma, pronunciaram a palavra "depois".

Franco, porém, não concordou.

Sentia-se culpado e pedia escusas. Exigia. Que o perdoassem pela comprida conversação, mas vivia espantado com os desastres morais.

II

Não houve outro recurso senão atendê-lo.

O prestimoso conselheiro instava com tanta humildade que Felício Cunha buscou a papelada e, como de outras vezes, pronunciou a prece de abertura, rogando a inspiração de Jesus.

Foram iniciados os estudos para o lançamento da obra, e, porque todos os amigos gaguejassem, como se estivessem receosos de expor o pensamento, Cunha foi claro.

— Augusto — falou, corajoso —, creio que todos nós, sem prévia combinação, preferiríamos o entendimento para outra hora, a fim de não contrariarmos a você mesmo.

— Ora essa? Como assim?

E Cunha, abrindo um relatório:

— Você é o autor da maior parte de nossos planos. Veja bem. Você quer uma casa complexa. Esperamo-la simples. Você quer um monumento. Aspiramos a um lar. Você pede a construção de trinta e dois aposentos. Pre-

tendemos apenas quinze, e olhe lá que vão abrigar muitas crianças. Você solicita um salão de festas. Não queremos qualquer ruído inútil. Você reclama empregados pagos. Não tencionamos remunerar cooperador algum. Você julga que as crianças devem ser mantidas sem trabalho. Consideramos que todas devem estudar e servir, segundo a vocação e a capacidade delas, fazendo-se úteis o mais cedo possível. Você espera um parque de brincar, adornado com uma fonte luminosa. Nós tememos semelhante aquisição, que viria favorecer a irresponsabilidade infantil. Você planeja a compra de noventa globos e dez lustres para luzes elétricas. Estamos satisfeitos com quarenta lâmpadas simples. Você propõe a compra de muitos metros quadrados de ladrilhos brancos e azuis. Não contamos com material dessa espécie, crendo que os ladrilhos singelos nada deixam a desejar. Você indica várias peças de mármore. Escolhemos apenas cimento. Você diz que precisaremos de quarenta colchões de mola. Teremos colchões vulgares. Você especifica um número exagerado de pias e banheiros, tapetes e móveis. Sonhamos uma casa confortável, sem ser suntuosa, simples sem ser miserável, onde as crianças não sejam bibelôs para os nossos caprichos e, sim, nossos próprios filhos. E como suspiramos por nossos filhos libertos dos prejuízos morais que ver-

gastam a Terra, admitimos seja nosso dever não enganar a nós próprios, abraçando a realidade sem os perigos da fantasia, porque realmente, meu caro, o futuro vem aí...


Augusto Franco, apanhado de surpresa, mastigou em seco, tossiu, pigarreou e disse desapontado:

— E'... é..., de fato vocês têm razão...

E depois de um instante em silêncio, como se estivesse falando para dentro de si:

— Meu Deus, é muita coisa sobrando!...

Lima, contudo, o vice-presidente da casa, pediu que fôsse adiado o debate geral do assunto, e Cunha, com aquiescência de todos, orou, calmo, encerrando a reunião.



O mais difícil

Diante das águas calmas, Jesus refletia. Afastara-se da multidão, momentos antes. Ouvira remos e sarcasmos. Vira chagas e aflições. O Mestre pensava...

*

Tadeu e Tiago, o moço, João e Bartolomeu aproximaram-se. Não era aquele um momento raro? E ensaiaram perguntas.

— Senhor — disse João —, qual é o mais importante aviso da Lei na vida dos homens?

E o Divino Amigo passou a responder:

— Amemos a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a nós mesmos.

— E qual é a virtude mais preciosa? — indagou Tadeu.

— A humildade.

— Qual o talento mais nobre, Senhor? — falou Tiago.

— O trabalho.

— E a norma de triunfo mais elevada? — interrogou Bartolomeu.

— A persistência no bem.

— Mestre, e qual é, para nós todos, o mais alto dever? — aventurou Tadeu novamente.

— Amar a todos, a todos servindo sem distinção.

— Oh! isso é quase impossível — gemeu o aprendiz.

— A maldade é atributo de todos — clamou Tiago —; faço o bem quanto posso, mas apenas recolho espinhos de ingratidão.

— Vejo homens bons sofrendo calúnias por toda a parte — acentuou outro discípulo.

— Tenho encontrado mãos criminosas toda vez que estendo as mãos para auxiliar — disse outro.

E as mágoas desfilaram diante do Mestre silencioso.

João, contudo, voltou a interrogá-lo:

— Senhor, que é mais difícil? Qual a aquisição mais difícil?

Jesus sorriu e declarou:

— A resposta está aqui mesmo em vossas lamentações. O mais difícil é ajudar em silêncio, amar sem crítica, dar sem pedir, entender sem reclamar... A aquisição mais difícil para nós todos chama-se paciência.



O móvel da obsessão

Achava-se Bатуíra, o inolvidável apóstolo da Doutrina Espírita, em sua residência, na rua do Lavapés, em São Paulo, quando um enfermo melhorado varou a porta.

Tratava-se de um obsidiado em recuperação.

Homem próspero, que o dono da casa conhecia de muito tempo.

— Graças a Deus, Bатуíra, estou muito mais forte — disse o recém-chegado —; já consigo dominar-me e governar meus próprios pensamentos. Venho, assim, hoje, com mais confiança, à nossa prece.

Transbordando satisfação, Bатуíra abraçou-o e lembrou:

— Convém, então, louvar a bondade de Nosso Senhor Jesus-Cristo, formulando renovação.

— Sim, meu amigo, faça a petição que deseje e acompanharei as suas palavras.

O apóstolo cofiou a barba respeitável, ele-

vou olhos ao Alto e, colocando as mãos sobre a cabeça do doente sentado, ia dizendo a oração:

— Senhor, eu te agradeço a infinita misericórdia...

E o amigo repetia:

— Senhor, eu te agradeço a infinita misericórdia...

— E prometo...

— E prometo...

— Que serei paciente e humilde...

— Que serei paciente e humilde...

— Que procurarei o caminho do bem...

— Que procurarei o caminho do bem...

— Que executarei o trabalho que a tua vontade determinar...

— Que executarei o trabalho que a tua vontade determinar...

— Que abrirei minha bolsa todos os dias, em favor dos necessitados...

Mas, nesse ponto, sentindo talvez que o compromisso enunciado era para ele excessivamente pesado, o doente começou a gritar e piorou outra vez...



Incêndio na Serraria

I

O grupo de senhoras estava em prece.

Chamados a ouvi-las, nós, os desencarnados, tínhamos o coração enternecido.

Desejavam construir uma escola. E mentalizavam no doce requerimento o modesto edifício, limpo e alvo, que ofertariam aos pequeninos.

— Senhor — dizia a mais experiente das quatro —, Senhor, inspirai-nos e protegei-nos. Agradecemos as dádivas que já recebemos em vosso nome. O pedaço de terra, a pedra e a cal... Agora, Senhor, precisamos de madeira para dar início... Confiadas em vosso amor, visitaremos a fábrica de móveis... Rogaremos auxílio, contando com vossa bênção!

Em seguida, levantaram-se para sair. E, comovidos, junto delas, pusemo-nos igualmente em marcha.

II

O gerente da serraria-oficina, importante empresa da grande cidade, recebeu a comissão cortêsmente.

Contudo, o Dr. Alberto — era ele engenheiro hábil —, ao ouvir a sucinta exposição, esfriou, desapontado.

Mas, mesmo assim, a conversação se fêz viva.

— Não temos interesse algum em concessão semelhante — disse.

— Doutor, mas é uma escola destinada às crianças menos felizes — falou D. Rute, a maior responsável.

— As portas serão abertas em nome de Deus — falou D. Constância.

— Contamos com o senhor — acentuou D. Ester.

— Deus recompensará o que possa fazer — aduziu D. Amália.

— E que temos a ver com Deus? — falou ele, mordaz. — A educação é obra para governos. Não será lícito imiscuir o Criador em negócios que não lhe dizem respeito. Digo isso em consideração às senhoras, porque, de mim mesmo, sou materialista confesso. Ateu. Ateu puro.

D. Rute sorriu, delicada, mas não se deu por vencida. E aclarou:

— Decerto que esperamos do governo que nos dirige providências mais amplas a favor dos meninos. Entretanto, até que isso aconteça, não será compreensível fazer algo de nossa parte? O ensino será totalmente alheio ao ensino religioso.

— Mas, porque envolver Deus nesta história? — resmungou o engenheiro, positivamente sarcástico.

— Porque não? — ponderou D. Rute, paciente. — Respeitamos o seu ponto de vista, o seu modo de pensar... Mas cremos na força inteligente da vida. Admitimos a eterna bondade que orienta os sucessos do mundo. Sabedoria e amor que chegam de Deus. O senhor comanda uma fábrica. Conta dezenas de empregados. Dispõe de muitas máquinas. Entretanto, doutor, acreditamos que toda a matéria prima, como sejam as árvores cortadas, os instrumentos em uso, o equilíbrio dos servidores e até mesmo a sua própria saúde são doações de Deus, que a todos nos sustenta.

— Quem é o dono real de tudo, senão Deus? — falou D. Ester, com brandura e espontaneidade.

O Dr. Alberto mostrou-se mais irônico. Referiu-se à Natureza. Exibiu mapas e apontamentos sobre botânica. Comentou as vitórias da contabilidade, da técnica, da fiscalização, da higiene...

Por mais de uma hora falou e falou sobre os novos progressos da Humanidade. E acabou notificando que não daria peça alguma, nem mesmo um centavo.

As senhoras, apesar de sorridentes, levantaram-se acabrunhadas.

Tudo em vão.

Começaram as despedidas corretas, quando o inesperado aconteceu.

III

— Doutor Alberto! Doutor Alberto! — gritou um operário, varando a porta do gabinete. — Depressa! Venha depressa! O fogo está devorando a secção de compensados.

Alarido interior. Campainhas vibrando. Corre-corre. Brados por socorro multiplicam-se angustiantes.

O engenheiro movimenta-se, espavorido.

As senhoras instintivamente lhe seguiram os passos. E nós também.

O incêndio nascera de violento curto-circuito.

Dr. Alberto, muito pálido, ordena e coopera. Há deficiência de pessoal. As senhoras, porém, corajosamente, tomam a dianteira do trabalho salvacionista, como se lhe fôsem subalternas de muito tempo.

Empunham mangueiras. Deslocam móveis. Transferem tábuas pesadas. Combatem o fo-

garéu. E pulam. E sofrem queimaduras ligeiras. Estafam-se. E vencem. Finda meia hora de intensa luta, as chamas se extinguem. Ainda assim, esclarece o chefe de obras que duzentos mil cruzeiros de madeira compensada deviam estar perdidos. A casa não estava segura contra incêndio.

O Dr. Alberto, todavia, agora calmo, aproxima-se das damas, quatro heroínas aos seus olhos e, cumprimentando a diretora da comissão, disse, gentil:

— Dona Rute, penso que Deus ganhou a questão de sua escola. Mudei de ideia. Mande buscar amanhã toda a madeira de que necessita. E mais o que precisar.

E, bem humorado, acrescentou:

— Depois conversaremos sobre Deus, como dono desta oficina...

As senhoras, chamuscadas, com as vestes sujas e rasgadas, sorriram e retiraram-se.

Depois de dois meses, escola singela e branca recebia quarenta meninos. Doutor Alberto, presente à inauguração, contou a história do incêndio, e um garoto, em seguida, fez pequeno agradecimento, terminando com a bela exclamação:

— Que Deus nos abençoe!



Um caso de ciúme

I

Atingimos grande maternidade, na altura da noite.

Antésio, o amigo espiritual que nos chamara, recebeu-nos a postos.

Seguimos.

O quarto de Maria Regina era um cubículo anexo à enfermaria. Velha câmara de despejo, convertida em refúgio. Espantada, rendia-se à prece.

Não seria necessário maior exame para estabelecer o prognóstico. O nascituro assemelhava-se a semente viva ansiando sair do fruto deteriorado.

Inclinamo-nos para a parturiente.

A agonia tomava-lhe o rosto edemaciado. Suor abundante. O organismo anêmico não reagia.

Entretanto, o pequenino ser vivente exci-

tava-se todo, como alguém a bater numa porta selada.

II

Maria Regina, esperando o cirurgião, recordava, recordava...

Quantos sucessos dentro de um ano!

Via-se abraçada no cartório, ao desposar Gilberto, o marido confiante.

Rememorava o noivado difícil.

Gilberto, requestado por Clênia, demorara a se decidir.

Clênia era a prima dele, a quem devotava amizade pura.

Seguira-o, desde os primeiros dias da escola.

Entre as duas, sofria ele a intercessão de parentes.

Amava-a, a ela, que se lhe tornara a companheira legal; contudo, era sensível às demonstrações de ternura que recebia da outra.

Haviam sido felizes, imensamente felizes, durante dez dias. Depois disso, a rival caíra doente. Inspeções radiológicas. Desinteressada, talvez, da vida, Clênia entregava-se aos bacilos a lhe trabalharem os pulmões.

Surgiram as primeiras dificuldades sentimentais.

Experimentando conflito enorme, Gilber-

to, compadecido, deixava a residência da prima, alta noite.

Confortava-a. Estimulava-lhe o gosto pela medicação...

Torturada, Maria Regina costumava dizer-lhe: "venha hoje mais cedo... sinto a cabeça pesada..."

— Ciumenta! — era só o que ele respondia, embrulhando amostras gratuitas de remédios caros, para socorro à prima enferma.

O esposo era mecânico bem pago e saía cedo. Se quisesse vê-lo e ouvi-lo que levantasse de madrugada, oferecendo-lhe o café quente. Salvo isso, almoçava fora e à noitinha fazia trampolim do lar, simplesmente para a troca de roupa.

Relegada a si mesma, entregou-se ao ciúme, e começou a fantasiar. Como se possuía por fantasmas estranhos, parecia transportada, em espírito, à casa de Clênia. E mentalizava Gilberto a recostá-la no próprio peito.

Delirando, ouvia-lhe juramentos de amor. Chorava a debater-se no leito frio.

O esposo chegava tarde e surpreendia-lhe os olhos vígeis, inchados de pranto.

— Que houve? — a pergunta vinha irritante como chicote no ar.

— Estou cansada, doente...

Ante a resposta, Gilberto ria, nervoso, irônico.

Depois de quatro meses, apareceu uma noite mais aflitiva.

Procurara não pensar, trabalhando. Habi-tuara a insculpir em madeira. Trouxe pequena faca. Cortava cuidadosamente com os dedos ágeis, mas o espírito andava longe.

Tinha a ideia de entrar no quarto de Clênia e surpreender o marido em posição pouco digna. Debalde o tentame. Deixou o instrumento cortante na mesa próxima. E deitou-se para sofrer ainda mais.

Madrugada além, chega Gilberto.

Ela geme, estertora.

O marido aproxima-se. Ela não se contém e grita-lhe insultos.

O esposo estaca, aturdido.

— Loucura! Loucura! — clamou colérico.

Sentindo-se humilhada, bradou acintosamente.

Entretanto, porque o marido buscasse contê-la, premindo-lhe um dos braços, estendeu a outra mão e empunhou a faca.

Gilberto, espantado, toma-lhe agora os pulsos.

Atracam-se.

E, sem querer, em movimento instintivo, ela lhe enterra toda a lâmina.

O abdômen é atingido. O esposo rola. Sai dementada. Pede socorro aos vizinhos.

Gilberto é transportado ao pronto-socorro, perdendo sangue.

A intervenção é feita num átimo; contudo, a hemorragia fôra abundante. E a bênção da anestesia devolve simplesmente um cadáver...

III

Maria Regina continua lembrando...

Confessou-se assassina. Não lhe permitiram nem mesmo chorar sobre o morto. Detida. A polícia interveio.

Advogado familiar esposa-lhe a causa. Requer a inspeção de saúde, admitindo-lhe a insanidade.

Submete-se à apreciação de generoso facultativo, que, após o exame, lhe fala em gravidez.

— A senhora deve ter coragem! Confie-mos em Deus — dissera o clínico, entre discreto e humano, enquanto as lágrimas rolavam da face da infeliz.

Declara-se culpada.

— O esposo era amigo e leal — repetia, sempre —, fôra o ciúme, simplesmente o ciúme...

Comovem-se autoridades e obtém-se o "ha-beas-corpus".

Volta a casa. Sòzinha. Desolada.

Uma sombra que chora incessantemente.

Nem as recordações do marido encontrara, ao retorno. A família tudo levava.

Alimentando-se à força e dormindo menos, ouve amigas preocupadas: "Maria Regina, lembre-se do filhinho..." "Maria Regina, nem tudo está acabado. Você vai ser mãe."

Aborrecia-se.

Que lhe importava o filho? — pensava.

Queria sòmente tranquilidade. Mas o remorso era espinho invisível, revolvendo-lhe o coração.

A hora esperada chegou e dores rudes surgiram nela.

Excitava-se o ser não-nascido com violência. Chegara a refletir consigo mesma: "parece uma ave assustada buscando fugir ao ninho de angústia."

Amorosa parenta internou-a.

IV

Manhãzinha, chega o cirurgião apressado. Ausculta. Compreende o problema grave e medita. Ajudamo-lo indiretamente, quanto possível.

Providências pré-operatórias. Socorro antecipado.

A parturiente é submetida à cesariana; no entanto, apesar da esmerada assistência, não mais se recupera.

Não vê o robusto menino em mãos da enfermeira. Quatro horas de inconsciência. E enquanto se lhe inteirica o corpo frágil, devagarinho, desperta conosco em Espírito.

Está fatigada, mas grita em tremendo susto.

Afirma-se assassina, assassina...

Mas alguém chega até nós, trazido por benfeitores. E' Gilberto a sorrir-lhe...

Como num pesadelo, a moça arregala os olhos e suplica:

— Perdoe-me! Perdoe-me!

O esposo, porém, abraça-a com carinho.

E Antésio esclarece:

— Maria Regina, seu débito foi pago. Gilberto apartou-se prematuramente da vida física. Você também. Gilberto perdeu a existência pelo ventre cortado. Você também...

Abraçados, ambos em lágrimas, foram conduzidos a câmara próxima.

Débil recém-nato dormia num berço.

Ao pé dele, enxugando os olhos, a parenta amiga dizia à jovem de branco:

— Chamar-se-á Gilberto, e será meu!...

Maria Regina agarra-se ao esposo e exclama, aflita:

— Que fazer? Que fazer?

O instrutor benevolente aponta a criança e fala bondoso:

— Gilbertinho é o grande porvir! Agora,

lutaremos no reajuste. Mais tarde voltarão vocês no lar dele... Ser-lhe-ão filhos abençoados. E como irmãos um do outro aprenderão, enfim, o amor fraternal para sempre...

Lá fora, o Sol rutilava...

E a luz, invadindo o aposento, parecia a esperança de Deus, prometendo o futuro...



Pergunta contra pergunta

Acabara Leopoldo Cirne de presidir à sessão pública, interpretando certa passagem do Evangelho, quando elegante senhora se aproxima e considera, desapontada:

— Sr. Cirne, tenho buscado praticar a Doutrina Espírita por todos os meios ao meu alcance, mas é impossível. E' um freio a corrigir-nos e um aguilhão a impulsionar-nos... Uma voz gritante na consciência a todo instante e uma disciplina que não acaba... Um trabalho sem fim e uma caridade que chega a ser exigência... Doutrina de retificações incessantes e obrigações sem limites...

E mirando os olhos claros do interlocutor, acentuou:

— Que me diz o senhor sobre isso?

E Cirne respondeu, imperturbável:

— Como é que a senhora queria que ela fôsse?...



Frutos

— Reconheço no Evangelho o livro da salvação, mas decididamente não concordo. Não concordo em que os espíritas se afirmem cristãos.

Era um negociante do Recife, muito ligado às tarefas de evangelização, dirigindo-se a Djalma de Farias, então benemérito lidador da Doutrina Espírita na capital pernambucana.

— Imagine só — e apontando para um homem sob pesado fardo na rua —, aquele é o Secundino, que esteve na cadeia por mais de oito anos. Beberrão contumaz, assassinou um companheiro de quarto que lhe negara alguns vinténs, e, por causa dele, morreu a esposa e um filhinho da vítima, em triste miséria. Isso aconteceu aqui mesmo, perto de nós. Entretanto, hoje diz que é espírita. Lê comentários do Novo Testamento. Fala sobre Jesus. Não é o caso do demônio que, depois de velho, se fez ermitão?

Farias, porém, objetou, muito afável:

— Meu caro, veja lá o que diz. Não será esse um caso para louvar? Pois se vemos um delinquente regenerado, um homem-problema tornar-se útil... Você é leal servidor do Evangelho. Vamos lá! E Jesus? O Mestre foi o remédio dos enfermos, o equilíbrio dos loucos, a visão dos cegos, o movimento dos paralíticos... O papel da religião não será ajudar, restaurar, reviver?

Surpreendendo-se desarmado de argumentação mais sólida, o comerciante aduziu:

— Para mim nada disso vale. Só a palavra do Evangelho é verdadeira. Quero a letra da lei...

— E você tem aí o Testamento do Cristo? — indagou Farias com humildade.

— Como não? — gritou o opositor enervado — estudo o Evangelho de ponta a ponta.

E sacou do bolso pequenino exemplar.

— Então, abra o livro — pediu Djalma —, é impossível que não tenhamos resposta justa.

O lojista descerrou as páginas, com segurança, e surgiram aos olhos de ambos as palavras do Cristo no versículo trinta e três do capítulo doze, nas anotações de Mateus: "...pelo fruto se conhece a árvore."



Instantâneo

João Marques pregava com fervor. O tema era a tolerância.

A assembleia, enlevada, bebia-lhe o verbo, num deslumbramento de luz.

— "Suportemos os golpes do destino! Suportemos a calúnia e a ingratidão, a dificuldade e a lágrima!..."

O auditório vibrava...

Nisso, pequenina bruxa dourada voeja na sala e toca de leve o rosto do orador.

João Marques vacila. Interrompe-se. Num átimo, toma a minúscula borboleta noturna e, visivelmente irritado, esmaga-a com o pé. E prossegue na preleção...

*

Mais tarde, o círculo é reduzido. Apenas alguns companheiros e o médium Macedo.

Batista, o presidente da instituição, agradece as bênçãos da noite. Era o décimo aniversário do templo e o salão estivera cheio.

No clima de júbilo geral, comunica-se Nuno, o orientador desencarnado. Controlando o médium, saúda os amigos.

Complacente, otimista, explana, fraterno, sobre os méritos do trabalho. Quando está prestes a despedir-se, João Marques arrisca:

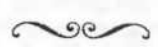
— Meu amigo, julga que me conduzi a contento na palestra?

— Como não? — replica, sorridente, o instrutor. — Você estava muito bem inspirado, feliz.

— E não tem algum apontamento a dizer?

O benfeitor pareceu refletir um minuto e concluiu:

— Marques, já que você faz questão do apontamento, não posso omiti-lo. Você falou sobre a tolerância, brilhantemente. Mas pensemos um pouco. Se não podemos suportar pobre borboleta a nos beijar respeitosamente a testa, como suportaremos as pancadas justas da vida?



O conto da mosca

— A impaciência é vício grave. Falta de caridade para consigo mesmo. Por isso, afirmava Jesus: bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra. Isso quer dizer que o homem sereno desfruta o privilégio de mais extensa vida no corpo.

Jerônimo, o benfeitor espiritual, falava pelo médium, com grande acerto. E continuava:

— O suicídio indireto é, muitas vezes, praticado pelos cultores da intemperança mental. Em muitas ocasiões, basta um momento de indisciplina e a morte surge por nonadas.

A sessão terminou e todos exaltaram a excelência dos conceitos ouvidos. E Fraga, o contador de vários estabelecimentos comerciais, coçando nervosamente a cabeça, exclamou risonho:

— Tão bons conselhos! Tão bons conselhos!

No outro dia, porém, o mesmo Fraga,

entre os livros do escritório, no calor da tarde, via-se atarantado. Leve mosca zombava dele, procurando-lhe a calva. O zeloso contador tentava alcançá-la com um tabefe, aqui e ali, mas nada... À maneira da personagem de Fedro, castigava improficuamente a si mesmo. Sentindo que ela se alojava, provavelmente pela vigésima vez, entre os seus raros cabelos, bateu fortemente no próprio crânio. A pancada, no entanto, fê-lo cair. Socorro. Aflição. Ocorreria a ruptura de vaso importante no cérebro, e Fraga, em poucas horas, se viu desencarnado.

Quando acordou, espantado, no regaço do piedoso Jerônimo, ao conhecer a própria situação, gritou, afobado:

— E agora, meu Deus? Que fazer?

O amigo espiritual, todavia, informou calmamente:

— Você já se encontra fora do corpo de carne há dois meses, mas apenas agora toma acordo de si. Já estudámos seu caso. Você estava avisado quanto aos perigos da impaciência e caiu, mesmo assim, no *conto da mosca*. Suicídio indireto, meu caro, suicídio sem nenhuma razão de ser. E você ainda dispunha de onze anos pela frente para trabalhar junto dos homens.

— E agora? Que faço?

O benfeitor espraçou o olhar pela casa de

socorro terrestre em que se achavam e esclareceu:

— Já expliquei o problema aos nossos Maiores. Pela vida correta que você levou, decerto não merece o pavor das regiões abismais. Mas também não está habilitado para subir. Ficaré aqui mesmo.

— Aqui, onde? — indagou Fraga, assombrado.

— No hospital onde estamos.

— Com que fim?

— Ajudando aos enfermos...

— E fazendo o quê?

Sem sorrir, Jerônimo explicou simplesmente:

— Aprendendo a ter paciência, você ficará durante algum tempo a espantar moscas...



Deus e nós

Sebastião Loredó, estimado motorista, depois de afeiçoar-se ao Evangelho, fizera-se mais consagrado à oração.

Clarividente, encontrava grande consolo na palavra de Eusébio, o instrutor espiritual que lhe dedicava incessante carinho.

Entretanto, apesar de todos os votos que fazia, estava sempre a braços com dificuldades morais de vulto.

Tomando o automóvel, pela manhã, certa feita afirmou:

— Deus está comigo. Deus está de meu lado. Deus me ajudará. Deus me dará suas mãos.

Mas, justamente nesse dia, Sebastião rixou com alguns colegas, perdeu a calma, abusou da velocidade, foi multado, desentendeu-se fortemente com o posto fiscal.

À noite, no instante das orações, sentia-se envergonhado.

Como de outras vezes, Eusébio surgiu-lhe

aos olhos e argumentou, convincente. O pupilo errara com agravantes. Conhecia as próprias obrigações. Cabia-lhe controlar-se, asserenar-se, pois que espírita algum pode, em boa consciência, ignorar o dever da humildade.

Sebastião, contudo, insatisfeito consigo mesmo, disse em voz alta:

— Meu amigo, meu irmão, como proceder? Saí de casa orando, buscando vigiar... E muitas vezes repeti hoje: "Deus está de meu lado. Deus me ajudará. Deus me dará suas mãos."

— Sim, sim — concordou Eusébio —, tudo está certo, mas não se esqueça de que nós também precisamos estar com Deus, permanecer ao lado de Deus, ajudar a Deus e entregar as mãos a Deus. Está bem?

Sebastião gaguejou, gaguejou e acabou conformando-se:

— Está bem.

— Então — disse Eusébio —, amanhã vamos começar tudo de novo...



Só cresce para baixo

— Você tem a força de Deus nas mãos!
 — Você não é homem para viver na obscuridade.

— Porque não montar gabinete próprio num dos melhores pontos da cidade, a fim de atender ao povo?

— Você nasceu para melhor destino...

— Estamos todos prósperos e poderemos naturalmente ajudar.

Adelino de Carvalho, abnegado médium passista de Uberaba, em Minas, começou a ouvir semelhantes frases de muitos amigos, admiravelmente situados no círculo das finanças. E tantos elogios ouviu que passou a considerar, intimamente, a possibilidade de casa no centro urbano. Não precisava de grande mansão. Um palacete que não desse muito trabalho seria bastante. Um lugar em que pudesse acolher as visitas com elegância e decência.

Quando o plano se tornou amadurecido no pensamento, concentrou-se e pediu a opinião da Esfera Espiritual.

Quem compareceu foi Antônio Logogrifo, excelente amigo desencarnado.

Adelino expõe o projeto e roga parecer.

Logogrifo, no entanto, passa a esclarecê-lo, bondoso. Que um médium, antes de tudo, precisa assistência moral, que não lhe convinha figurar uma situação que não tinha, que devia permanecer no domicílio singelo e que os amigos não podiam efetuar aquilo que somente a ele competia fazer.

— Mas — suspirou o médium, contrariado —, não posso aspirar à melhoria? Valorizar os meus interesses, elevar-me socialmente?

— Pode sim — ditou o Espírito amigo —, mas não à custa de vãs aparências e sim por seu próprio esforço, lutando, amando, servindo, batalhando em favor do bem...

— Então, crescer no mundo será sempre vaidade? — gemeu Carvalho, triste.

— Não, Adelino — obtemperou o companheiro —, não é bem isso. A vaidade tem consigo o progresso da cauda de cavalo.

— Como assim?

E o amigo espiritual informou, sorridente:

— Só cresce para baixo.

Como quem acorda de longo sono, Adelino sentiu estranho contentamento. Compreendeu, então, que na sua modesta casa já morava a felicidade. E, chorando de alegria, pôde apenas dizer: — Deus lhe pague, meu irmão.

A moratória

I

Vicente Curi, o empreiteiro de obras, amanheceu exasperado. Enfermo. Abatido. O corpo bambeava e a cabeça parecia-lhe um vaso em fogo.

Justamente naquele dia.

De noite, marcara o relógio. Horário certo de levantar. Quatro operários esperavam-no para a necessária demolição do velho prédio que adquirira em bairro distante.

Precisava satisfazer o serviço urgente em reconstruções diversas. Via-se, porém, cansado, febril.

Além disso, vomitava substância amarga.

Tentara erguer-se. Inútilmente. A esposa dissera ser "melhor chamar médico".

Vicente reagiu, obstinado. Carro de clínico à porta, alarme certo.

Piorava a olhos vistos.

A ideia do serviço marcado castigava-lhe

o pensamento. Contrariava-se. Apesar do problema orgânico, preferia ter viajado, a demorar-se na cama.

D. Mercedes, a esposa, pede-lhe calma. E' indispensável confiar na Divina Bondade.

Às nove horas, Cesário, um dos cooperadores, vem pedir providências. Atacando o serviço, ele e os companheiros assistiram ao inesperado. A casa velha, caindo aos pedaços, não aguentou o ataque das picaretas e ruína, de vez.

Valmiro, o operário mais jovem, tivera os pés gravemente feridos, ficando impossibilitado para o trabalho.

O empreiteiro, agora, não apenas gemia.

— Onde a Providência Divina que não me ajuda? — gritava, frenético.

II

Badalavam dez horas.

Entulhado de comprimidos, Vicente pede à esposa a injeção antitóxica guardada no armário. Era a última de pequena série que deixara incompleta. Tanto tempo passara que D. Mercedes julgou prudente comprar uma nova caixa em farmácia vizinha.

— Não temos — falara o moço de vendas. E acrescentou: — agora é remédio raro.

O enfermo, no entanto, não se conformava.

Queria a injeção. Velha assim mesmo. Entretanto, buscando ajustá-la à agulha, D. Mercedes viu-a cair no piso, perdendo-se o conteúdo.

Vicente se enraiveceu, enquanto a mulher lhe falava na Providência Maior.

Alguém lembrou o telefone para recurso a outra farmácia. O doente, amuado, recusou; não queria mais a medicação.

III

Mais tarde, porque sentisse dores nas costas, D. Crescência, antiga enfermeira da vizinhança, falou em aplicação de ventosas.

Vicente lembrou-se do avô, sob ventosas acima dos rins. E aceitou-as.

Copos de vidro, algodão e fósforos foram trazidos ao quarto. Quando faziam a aplicação das ventosas, um algodão inflamado escapa das mãos da bondosa amiga.

Comunica-se o fogo aos lençóis finos. Vicente é retirado pelas senhoras. Ultrapassa os limites do silêncio correto. Protesta indignado. Fala asneiras. Do colchão incendiado, porém, sai correndo enorme escorpião, mostrando dar-do em riste.

D. Mercedes entra em luta perseguindo o

lacrau que lhe foge ao chinelo, e fala, mais uma vez, sobre o Amparo Divino.

O marido lamenta-se, desesperado.

Sente-se perseguido. E reclama:

— Parece que urubus pousaram em mim.

IV

Quase noite, embora melhor, mostra-se Vicente mais inquieto.

Relaciona amarguras e prejuízos.

D. Mercedes pede o concurso de Souto, amigo da casa, para conduzi-lo ao templo espírita. Vicente precisava de socorro moral. Convencera-o a valer-se do passe de conforto.

Souto, ao telefone, promete colaborar, e, na hora certa, surge sorrindo. Está pronto.

O enfermo toma-lhe o braço, mas, talvez porque se movimentasse com lentidão, o ônibus esperado não espera por eles. Pára um segundo, e zarpa adiante.

— Era o que faltava! — diz Vicente, enervado.

Não quer mais o passe. O amigo, entretanto, insiste. D. Mercedes insiste.

Tomam um táxi. Chegam ao templo indicado, alcançando o recinto no momento em que iam cerrar a porta.

São os últimos.

Antes deles, porém, um moço pálido entra à pressa e roga ao diretor da reunião, em voz alta, uma oração pelas vítimas de um desastre, ocorrido momentos antes.

O ônibus, que Vicente perdera, capotara em local próximo.

Fora feito o balanço. Quatro mortos e dez feridos...

Iniciava-se a prece de abertura.

Por não poder conversar, pensa D. Mercedes, mais uma vez, no Infinito Amor de Deus. E, com efeito, no momento do passe, o irmão Luís, orientador espiritual das tarefas em curso, incorpora-se em D. Cristina, a médium habitual, e diz a Vicente, alarmado:

— Meu amigo, não reclame. Por quatro vezes, hoje, rebelou-se você contra a Providência Divina, ao passo que a Divina Providência o arrebatou às garras da morte por quatro vezes. Sua ficha de espírito devedor marcava, para hoje, a desencarnação rude e violenta. Você esteve à bica de ser esmagado pelo prédio que veio a cair; de ser envenenado pela empola que trazia líquido alterado; de ser picado pelo escorpião que o seguira no próprio leito, e de ser estrangulado na engrenagem do coletivo menos feliz... Entretanto, Vicente, em atenção aos seus gestos de caridade, amigos espirituais do caminho advogaram-lhe a causa. Você mereceu amparo, na Lei, como

alguém que consegue moratória no banco. Volte para casa e descanse a cabeça teimosa. O socorro de Deus nem sempre tem a forma da flor ou a rutilância da luz. Volte e agradeça os contratempos e dissabores do dia. Serenidade é remédio em cada remédio.

Vicente enxugou os olhos húmidos...

Terminada a sessão, regressou a casa, tranquilo.

Reconciliara-se consigo mesmo, e, tornando ao leito, que recebia agora por bênção doce e reconfortante, planeou, satisfeito, a renovação de sua vida...



A voz do Evangelho

Esparramado na poltrona, João Lício pensava. Sem dúvida, fora feliz nos negócios. Enriquecera. Seu nome nos bancos indicava créditos de milhões. Que aceitava o Espiritismo, aceitava. Nenhuma Doutrina mais consoladora. Mas daí a espalhar o que havia ajuntado, isso é que não. Meditava, assim, por haver recebido na véspera a solicitação de duzentos mil cruzeiros, da parte de amigos, para salvar grande obra periclitante. Para o montante do que possuía, a importância referida expressava migalha; entretanto, segundo refletia, já havia feito o possível. Dera grandes somas. Custeara a compra de vasto material. Cumprira com os preceitos da cooperação e da caridade.

Sentia-se exonerado de quaisquer compromissos.

Ainda assim, ouvira dizer que o Evange-

lho respondia a consultas e resolveu experimentar.

Levantou-se. Procurou o Novo Testamento e, após recolhê-lo, tornou a sentar-se. Abriu indiscriminadamente. E caiu-lhe aos olhos a sentença de Jesus, no versículo dezenove do capítulo seis, das anotações do Apóstolo Mateus:

— Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam...

Como se houvesse recebido um choque, ponderou que o trecho não apresentava significação para ele, porque sempre dera e dera muito a todas as instituições de caridade. Abriria outra vez. O Livro Divino, decerto, lhe reservava alguma consolação.


Repetiu o movimento anterior e as páginas lhe mostraram o versículo dez do capítulo dezessete, dos apontamentos de Lucas, em que Jesus assim se expressa:

— “Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer.”

Surpreendeu-se mais ainda. O Evangelho como que o chamava a brios. Nervoso, inquieto, consultou pela terceira vez. E o livro aberto exibiu o versículo vinte do capítulo doze, igualmente das lições de Lucas, em que a voz do Senhor solta esta frase:

— “Louco, esta noite pedirão tua alma...
E o que tens ajuntado para quem será?”

João Lício fechou o volume com mãos trêmulas. Espantado, tangido no íntimo, encerrou a consulta. E, tomando o chapéu, saiu, procurando os amigos, de modo a ver como poderia ajudar.



Em combate

— Desde que recebi a solicitação de Crisolino, meu benfeitor espiritual, estou empenhado na abolição das armas de morte — dizia Dantas, num jantar íntimo. — Creio que a guerra desaparecerá do mundo, quando cada um de nós esteja disposto a expulsá-la do seu próprio círculo.

E falava entusiástico. Rememorava a estatística de muitas guerras. Salientava os programas bélicos de muitos povos. Detinha-se apaixonadamente em Napoleão, chamando-lhe “gênio carniceiro”.

Não se poupava. Onde aparecesse oportunidade, aí estava Dantas para a cruzada a que se propunha. Pedia movimentos renovadores, para que os canhões se fizessem arados.

Adquiriu boa máquina cinematográfica e exhibia quadros curiosos. Revólveres provocando desastres. Sabres em mãos de legionários da antiguidade ao invadirem territórios pací-

ficos. Telas mostrando o efeito de bombardeios destruidores. Estudos sobre adagas e baionetas, trabucos e punhais.

E, diante dos pais, pedia sempre não dessem, aos pequeninos, brinquedos que simulassem armas de morte. Todavia, estimava as alegrias da mesa, depois das instruções. Alegava que uma boa conversação, após um assunto sério em conferência, consolidava impressões. E toca a devorar as viandas que aparecessem. Com semelhante regime, Dantas, aos quarenta e dois de idade, sofria obesidade característica e era campeão de moléstias do estômago. Chamado, certa feita, o Dr. Neves Lima para examiná-lo, numa crise de gastralgia, admirou-se o médico da pressão alta.

— Dantas, se você não tiver cuidado, acaba estourando.

Ele, porém, zombou do facultativo e repetiu o que costumava dizer:

— Crisolino, o meu protetor espiritual, declarou que chegarei aos setenta, desde que me mantenha combatendo as armas de morte.

*

Aconteceu, porém, o esperado.

O Dr. Neves acordou, noite alta, por insistência do telefone. Da residência de Dantas chamavam-no. Encontrou o cliente em coma.

Depois de grande ceia, Dantas acusara

súbito mal-estar. Recolhido ao leito, perdera a palavra e o controle dos movimentos. Prostração. Espasmo cerebral. Complicações sérias. O Dr. Neves faz o possível, durante quatro dias e quatro noites de vigilância e exaustão. Apesar de tudo, Dantas foi compelido a deixar o corpo físico. A família chorava. No Plano Espiritual, Dantas acordou no regaço de Crisolino, que o amparava, paternalmente.

Informou-se quanto à libertação de que fora objeto. Mas, considerando os problemas que lhe requisitavam a presença no mundo, clamou desapontado para os ouvidos do guardião:

— Mas você não me prometeu setenta anos, se eu permanecesse em combate contra as armas de morte? E que fiz toda a minha existência senão isso?

Crisolino, porém, replicou sem vacilação:

— Sim, sim, mas você se esqueceu de que o garfo também mata...



Boca torta

Antes de sair para lecionar Evangelho às crianças, no templo espírita, Dona Rosália chamou a jovem que lhe atendia à cozinha e, guardando certa porção de goiabada no armário, avisou:

— Guilhermina, peço que reserve o doce para as visitas que estou esperando.

Daí a instantes, Joaquina, a caçula da casa, veio à copa e retirou da prateleira pequeno bolo que destinava a uma colega que sempre lhe pedia merenda.

E seguiu a mãezinha para a aula.

A preleção do dia versava sobre a mentira, e perante mais de trinta crianças D. Rosália contou vários casos fatais de meninos mentirosos, como aquela história do garoto que enganava sempre a todos e acabou morrendo afogado, porque julgavam estivesse ele a brincar.

A miúda assembleia escutava com assombro.

— E depois disso tudo — esclarecia a

professora —, sempre ouvi dizer que as pessoas mentirosas trazem defeitos na boca. Algumas perdem a língua, outras ficam de lábios tortos.

Finda a aula, todos os meninos estavam muito bem impressionados.

De novo em casa e ao tomar os chinelos para descanso, a dona da casa é procurada por jovem da vizinhança.

— Dona Rosália — diz respeitosa —, tia Cota mandou pedir a senhora um pedaço de goiabada, se a senhora tiver...

— Ah! minha filha, hoje não temos doce algum — foi a resposta.

Joaquina, porém, que ouvia, em silêncio, falou de pronto:

— Tem sim, mamãe.

— Ora essa! — disse a mãezinha, desapontada — acaso teremos doce sem que eu saiba?

— Está no armário. Vamos lá.

D. Rosália seguiu a filhinha e confirmou que realmente se enganara e, sorrindo, embora corada de vergonha, entregou toda a goiabada existente à vizinha, que se despediu com sincero agradecimento.

Em seguida, a professora de Evangelho sentou-se pensativa...

Mas, ao vê-la nesse estado, a pequenina, que não passava dos cinco anos de idade, abei-

rou-se dela, abraçou-a e disse simplesmente:

— Mãezinha, eu sei que a senhora não sabia onde estava a goiabada. Eu tive foi muito medo de a senhora ficar com a boca torta...

D. Rosália, porém, afagou-a, com mais carinho, e falou:

— Não se preocupe, minha filha. Tudo está muito bem. Nossas visitas de hoje não terão doce, mas sua mãe terá a consciência tranquila.



O bico de gás

I

Naquela noite Vitalino Caixeta discutira muito. Acaloradamente.

Opondo-se aos argumentos de dois amigos, combatia a fé. Acreditava somente no que visse. Estudara profundamente a anatomia e precisava apalpar para crer. Necessitava sentir, ouvir, cheirar, analisar...

Por isso mesmo, estava contrariado ao recolher-se.

A esposa demorou-se ainda um tanto em luta pela ordem no apartamento estreito.

Acomodava os filhinhos, atendia aos misteres da casa.

Mas, mesmo depois que D. Constância passou a rressonar, Vitalino prosseguia em solilóquio mental.

Não mudaria. Era homem prático. Só se renderia à evidência dos fatos. Queria fatos.

Mais fatos. Mais fatos para compreender os fatos.

Algo cansado, acabou dormindo.

Dormiu e sonhou que se achava diante de Rosalino, seu velho irmão desencarnado havia muitos anos...

II

Rosalino dizia convincente:

— Meu caro, ouvimos-lhe as considerações silenciosas.

Realmente, as provas da sobrevivência, muitas vezes, são difíceis. Mas, essa circunstância, só por só, não lhe autoriza negá-la.

Veja bem.

Existe a fé automática, inconsciente, sem comprovação. E' a aceitação de acontecimentos naturais, sem a ajuda dos sentidos.

Em quanta coisa você confia inteiramente sem proceder a qualquer exame!

Você não examina a competência do motorista, mas viaja no veículo despreocupadamente...

Você não testa a resistência do leito, cada noite, mas deita e dorme tranquilo...

Você não vê os ingredientes que lhe compõem a refeição, mas come sem medo...

Você não experimenta a segurança da casa bancária, mas confia-lhe os bens sem titubear...

Por outro lado, inúmeras ocorrências passam-lhe na vida sem merecer-lhe estudo mais acurado.

Você não apalpa o ar, mas respira o oxigênio, sem susto...

Você não vê o vírus, mas sofre a gripe...

Você não escuta muitas das ondas sonoras que se entrecruzam à sua volta, mas ouve satisfeito os programas radiofônicos...

Você não mediu o Universo, metro a metro, mas reconhece o infinito da Criação...

Você não morreu ainda, mas aceita a fatalidade do fenômeno da morte.

Igualmente, meu amigo, você diz que não vê e não pega o Mundo Espiritual, mas... ele existe!...

Acorde para a verdade!

Acorde e viva!

Acorde e viva!"

III

Como se impulsionado por estranha força, Vitalino despertou no corpo físico.

O ambiente pesava. Fazia-se o ar irrespirável. Algo sucedera de estranho...

Levantou-se estremunhado. Procurou o berço das duas crianças. Ambas desacordadas.

Aflito, abre maquinalmente janela próxima e faz luz.

Sòmente aí descobre que a esposa, distraída, deixara aberta a torneira do gás.

A família salvara-se a tempo.

E, passado o perigo, tomou papel e lápis, escreveu todas as considerações que ouvira em sonho, e começou a meditar...



Amigos

Quando Jesus entrou, vitorioso, em Jerusalém, houve um instante em que parou para respirar livremente. Com ele, apenas Bartolomeu, apagado e discreto. O discípulo exultava.

Até eles chegavam os ecos do grande êxito. Hosanas ao Messias. Cânticos. Algararra. Perfumes no ar. Não longe, Simão Pedro, que negaria o Senhor. Judas, que o negociaria. Tomé, que o abandonaria. Tiago e João, que dormiriam descuidados, sem lhe perceberem a angústia. E toda uma legião de admiradores que, no dia seguinte, se transformariam em adversários.

Bartolomeu, feliz, observou a atmosfera festiva e disse, contente:

— Oh! Mestre, quanta felicidade! Afinal! Afinal a glória, apesar dos perseguidores!

Notando que Jesus continuava em grave silêncio, o aprendiz perguntou:

— Porque tristeza, Senhor, se estamos triunfando de tantos inimigos?

O Cristo, porém, meneou a cabeça e, fitando a turba próxima, falou sereno:

— Bartolomeu, Bartolomeu, vencer, mesmo tendo inimigos, é sempre fácil, porque os inimigos se colocam a distância, por si mesmos.

E profundamente desencantado:

— A batalha mais árdua é vencer com os amigos.



O colar de pérolas

— Avó, ajude-me a fazer o Natal das criancinhas. Acompanhe-me. Levo agora a lista aos amigos... Não me abandone.

D. Olinda Soares frequentava templo espírita contíguo à sua residência. Responsabilizava-se pelas aulas de moral cristã, e saía para solicitar a cooperação de pessoas abastadas a fim de atender à comemoração natalina. E rogava ao amoroso Espírito de sua vovó, D. Joaquina de Miranda, que a auxiliasse.

Era sábado. À noite, estava de volta, com muitas promessas, mas sem qualquer recurso de substância.

Queixando-se ao marido e aos filhos da dureza que encontrara nos corações, recolheu-se ao repouso.

No dia seguinte, pela manhã, D. Olinda falava no templo espírita a seis dezenas de crianças subnutridas e maltratadas... No momento em que se refere à caridade, entra a

pequena Léa, sua filhinha de seis anos, trazendo ao colo precioso colar de pérolas...

Sente um choque. E' o colar que pertencera à vovó, fazendeira abastada noutro tempo.

Conservava-o como relíquia, nos guardados mais íntimos.

Interrompe-se e tenta alcançar a menina, agora curiosamente rodeada pelas outras. Léa, ante o olhar materno, enche-se de medo. Corre, pálida. Prende-se, contudo, o lindo colar ao pega-papéis justaposto à carteira próxima, e as pérolas se espalham pelo chão.

D. Olinda, desapontada, vai corrigir a filha, mas, ali mesmo, pela sua vidência mediúnica, vislumbra o Espírito de D. Joaquina. E' ela mesma. Comove-se e chora.

A entidade aproxima-se e diz:

— Filha, você não me pediu auxílio para as crianças? Como pôde reter esta jóia por tanto tempo, diante de tanta necessidade?

E, sem lista alguma, as pérolas soltas deram às crianças menos felizes todo um Natal de alegria, roupa numerosa e pão farto...



Surpresa de magistrado

Comovidos ante a prece tocante da sofredora mulher, acompanhamo-la à presença do juiz.

Alcançamos a casa solarenga. Deleitosa varanda. Extenso jardim.

Sem que nos pressentisse, ajudamo-la a tocar a campainha a destacar-se na parede fidalga.

Uma serviçal atende prestativa.

Movimenta-se.

O magistrado, porém, apenas surge depois de longa espera.

Ouve, de cabeça empertigada, a visitante que chora.

— Doutor — diz ela —, peço-lhe caridade. Meu pobre marido não tem culpa. Temos oito filhinhos passando falta. Oito filhos, doutor! Tenha piedade e ajude-nos! O senhor não ignora que meu pobre Cecino foi sempre um chofer cuidadoso! O homem estava embriagado quando avançou de encontro ao carro!

O juiz, entretanto, não traiu qualquer emoção no olhar frio.

— Que deseja a senhora com semelhante arrazoado? — falou irritadiço. — Quem pensa que sou? A justiça é justiça. Seu marido foi imprudente, desnaturado. Houve premeditação inconteste e sanearei a cidade. Tomá-lo-ei para escarmento aos motoristas criminosos. Profissionais inconscientes! O processo foi corretamente conduzido por mim e a justiça provará que Cecino é um homicida quanto outro qualquer.

— Doutor, compadeça-se de nós! — clamou a infeliz.

— Nada mais tenho a dizer — falou, ríspido, o magistrado, despedindo a interlocutora.

.....

O juiz voltava, sereno, ao interior doméstico, quando enorme alvoroço estala na rua.

— Socorro! Socorro! Pega o culpado! Pega o culpado!

Populares gritam em desespero.

Torvelinho na via pública.

Ao lado de luxuoso automóvel, último tipo, agita-se um rapaz aprisionado por homens do povo. Não longe, uma criança morta.

Inteiramo-nos, então, do sucesso triste. Era o filho do juiz, que, no carro da família, em correria desenfreada, acabava de atropelar pequenina indefesa.

Mal refeito do choque, ouvimos alguém que pede em tom respeitoso:

— Licença! Licença!

O juiz passa junto de nós com extrema agonia moral a se lhe estampar no semblante paterno.

Abraça o filho com o enternecimento de quem se compadece de um louco.

E, naquele dia, o magistrado não pôde comparecer ao fórum...



28

Por telefone

I

Amadeu Barbosa, recentemente desencarnado, era motivo de nossa grande preocupação.

Fora soldado, a serviço da ordem. Corretíssimo. Substituindo o companheiro Abílio Marques, em determinada diligência, tombara em lamentável desastre e perdera o corpo físico.

Acabrunhado, queria voltar à esfera dos homens, precisava voltar...

E tanto rogou socorro, que me recordei perfeitamente do dia em que o instrutor Camerino, recebendo-nos as consultas particulares, lhe falou, firme:

— Amadeu, se você deseja a ajuda de alguém, comece por ajudar alguém.

Desde essa hora, vimo-lo ativo, modificado...

II

Achávamo-nos ao pé de Abílio Marques, quando a enfermeira se abeirou dele e falou calma:

— Não se impaciente, Sr. Abílio. Deus nos ajudará.

Logo após, a senhora simpática buscou o interior da maternidade e Marques permaneceu cismarento na sala de espera.

Qual caracol refugiado na concha, ensimesmara-se, esquecendo o mundo em torno.

Pensava... pensava...

Lembrava-se de todas as ocorrências, como se fôssem acontecimentos daquele mesmo dia, embora guardassem o curso de três anos.

Tudo começara naquela tarde...

III

Ele, Abílio, sentia-se sonolento.

Chegara fatigado da corporação.

O dia fora cheio.

Tomou lanche reforçado e tentou repousar...

Mal começou a dormir, escutou a voz materna a chamá-lo: Abílio! Abílio!

Encontrava-se de pé ao telefone...

D. Amélia, a genitora, ouvira-o dizer, de

olhos cerrados, dando a impressão de diálogo pelo fio:

— Alô! Que alegria!

—

— Como vai? Disponha, disponha...

—

— Ah! sei. Perfeitamente.

—

— Hoje? Farei o possível. Conte comigo, conte comigo...

Impressionada, D. Amélia despertou-o às sacudidelas.

O filho passava, às vezes, por semelhantes fenômenos. Era sonâmbulo. Costumava levantar-se à noite e andar automaticamente dentro de casa.

A mãezinha passou a relatar-lhe o que ouvira. Palavra por palavra.

Ele, porém, estava radiante e contou que conservava a lembrança nítida.

Seria simples sonho? Não ocultava, contudo, a alegria a lhe brilhar no espírito.

— Mas... que foi, meu filho?

E ele explicara à mãezinha espantada:

— Mamãe, foi o Amadeu! O Amadeu Barbosa, meu colega de serviço que morreu há tempos. Telefonou-me, precisamente na hora em que se habituara a fazê-lo...

— Meu filho, que é isso? Onde tem a ca-

beça? Tudo não passa de sonho, pesadelo como os outros...

— Mamãe, mamãe, esperemos! Ele disse algo...

— Que disse?

— Pediu-me ajudar a uma jovem necessitada que enviará até nós ainda hoje...

D. Amélia sorriu, bondosa, mas irônica, e afastou-se.

Contente, pusera-se ele a ler os vespertinos, em plena expectativa.

IV

Onze da noite.

A história do sonho estava esquecida, quando alguém bate à porta.

Levantara-se mecânicamente para atender.

Era pobre moça mal vestida e despenteada.

Buscou a mãezinha e ambos a ouviram, interessados.

Chamava-se Irene. Estava órfã, sem destino. O pai, único apoio de que dispunha, falecera, havia dias, vítima de grande explosão. Tinham chegado, há tempos, do interior e o desastre surpreendera-os em quarto humilde de aluguel, exatamente quando o genitor desaparecido procurava trabalho. Expulsa dos escombros a que se acolhera, andava sem rumo. Tinha fome. Ouvira palavras desrespeitosas

na rua e resolvera pedir socorro. Por isso, estava ali, sòzinha e necessitada.

Chorava.

D. Amélia consolou-a e consultou o marido.

Custódio Marques, o dono da casa, dera o contra.

Mas, Abílio, filho único, implorava ao pai auxiliasse à menina, como se fora a irmã que lhe faltava. E Custódio, vencido pelo carinho, enterneceu-se.

Irene fora recolhida em casa, como em seu novo lar.

Trabalhava, ajudava, compreendia...

Fizera-se necessária.

Restaurara-se.

Era a filha que D. Amélia esperava sempre.

Quando Custódio caíra febril, com tremenda infecção, fora ela a enfermeira dedicada e hábil...

Depois de dois anos, com a alegria de todos, Abílio desposara-a.

A pupila de ontem era-lhe agora a companheira querida.

V

Como se lembrava, agora, de todos os sucessos e de todas as minudências!

Procurávamos asserenar-lhe a mente in-

quieta, quando ouvimos o choro forte de uma criança.

Sorriu, aflito, enquanto a enfermeira reapareceu com ar triunfante a chamá-lo:

— Sr. Abílio! Sr. Abílio! E' um lindo menino! O parto, graças a Deus, foi normalíssimo...

Acompanhámo-lo ao quarto...

Abílio, emocionado, inclinou-se para a esposa e beijou-a, ternamente, na face.

Em seguida, tomou o recém-nato, em pranto de alegria.

— Então, meu filho — perguntou D. Amélia, que se achava ao pé da nora —, como se chamará meu netinho?

— Ah! O nome? — respondeu Abílio, tonto de júbilo. — Ele se chamará Amadeu... Amadeu Barbosa Marques, não é, Irene?

E a esposa fêz um gesto de aprovação, transbordando felicidade.

VI

Sim, Barbosa renascera.

Recomeçava a existência para lutar e triunfar.

E, diante dos fatos, recordámos a lição do instrutor:

— Amadeu, se você deseja a ajuda de alguém, comece por ajudar alguém.

SEGUNDA PARTE

Médium: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Página de Anália

À doente que se queixava em desespero, perguntou a senhora que lhe velava o leito:

— Permite que eu leia para seu conforto algum pequeno trecho de Allan Kardec?

— Deus me livre! — gritou a enferma, cuspendo-lhe aos pés.

Ainda assim, as mãos abnegadas da companheira continuaram ajeitando-lhe os lençóis...

— Quero água! — exigiu a doente.

A amiga trouxe-lhe água pura e fresca.

De copo às mãos, a enferma, num ímpeto, atirou-lhe todo o líquido à face, vociferando:

— Água imunda!... como se atreve a tanto? Quero outra!

Paciente e humilde, a senhora enxugou o rosto molhado e, em seguida, trouxe mais água.

— Quero chá.

E o chá surgiu logo.

— Chá mal feito! Chá frio!

O conteúdo da taça foi projetado ao peito da outra, ensopando-lhe a blusa.

— Traga chá quente!

Foi a ordem obedecida.

— Você aceita agora o remédio? — indagou a assistente.

— Que venha depressa.

Ao tomar, contudo, a poção, a dama inconformada agarra a colher e vibra um golpe no braço da amiga. Surge pequeno ferimento, mostrando sangue.

E a enferma cai em crise de lágrimas. Chora, chora e depois diz:

— Anália, se a religião espírita que você abraçou é o que lhe ensina a me suportar com tanta calma, leia o que quiser.

A interpelada sentou-se. Tomou "O Evangelho segundo o Espiritismo" e leu a formosa página intitulada "A Paciência", no Capítulo IX, que começa afirmando: "a dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos..."

Acalmou-se a doente, que acabou aceitando o socorro do passe e o benefício da água fluida.

Conversaram ambas. A enferma, asserejada, ouviu da companheira os planos que arquitetava para o futuro, em benefício dos meninos abandonados à rua.

No dia seguinte, ao despedir-se, a obsidiada em reequilíbrio beijava-lhe as mãos e dava-

-lhe os primeiros dois contos de réis para começar a grande obra.

Essa enfermeira admirável de carinho e devotamento era Anália Franco, a heroína espírita paulista, que se fez sublime benfeitora das criancinhas desamparadas.



2

O encontro

I

Rosabela preparara-se. Não cabia em si de esperança. Visitara o cabeleireiro, e experimentava, feliz, o vestido novo.

Sòzinha no apartamento, relia a última carta. A última carta de amor que a buscava, enfim. E a sós, enquanto a noite de sábado transbordava de música, recordava, recordava...

Casara-se, havia cinco anos; todavia, Tristão, o esposo, revelara-se libertino. Não conseguia olvidar os primeiros tempos. A presença dele, suas palavras e promessas estavam em seu pensamento como inolvidável perfume.

Ainda assim, tivera coragem de romper consigo própria e tentar outra experiência. Isso porque não tivera força de perdoar-lhe.

Rememorava a noite em que se haviam despedido...

Regressava do interior fluminense, onde fora ter com os pais, em repouso breve. En-

tretanto, inesperada queratite obrigara-lhe a volta em momento imprevisto. E não olvidava o quadro que a ferira, fundo.

Penetrando em casa, surpreendera Tristão embriagado junto de outra. Ambos agressivos. Inconvenientes. Dilacerada nos melhores sonhos, protestara, chorando; contudo, o marido, alterado, atirara-lhe as malas na rua. Expulsara-a como se fora um animal corroído de peste.

Acolhera-se à residência de amigos e mudou o curso dos próprios passos.

O esposo, talvez mudado, tentara a aproximação, mas debalde.

Ultrapada, negou-se.

Alugando pequeno apartamento em bairro distante, aceitou as funções de datilógrafa quase anônima, em grande companhia comercial. E mergulhara a mente no serviço.

De quando em quando, esse ou aquele *Don Juan* de esquina lhe deitava olhos menos sensatos; todavia, pelo comportamento irrepreensível, não lhes encorajava qualquer palavra incorreta.

O tempo correu lentamente.

Um, dois, três, quatro anos...

Sentia-se, no entanto, intimamente desamparada.

Ensaiaava a aquisição de amizades novas. Acabava, entretanto, desiludida.

Algo faltava.

Às vezes, supunha que faltava Tristão, mas arredava para longe esse pensamento.

II

Surgiu, no entanto, uma noite diferente.

Lia velho número de uma revista sentimental e encontrara aí um convite a esmo.

Cavalheiro, anunciando trinta e dois anos de idade, desejava estabelecer amizade com alguém, por sentir-se sozinho.

O curioso anúncio era assinado por Benjamin Solis e apresentava expressivo cunho de seriedade. Após refletir, resolveu arriscar. E ofereceu-se, endereçando bela missiva datilografada para a caixa postal indicada.

Dizia chamar-se Rosalinda Malvar e informava a posta restante para a resposta.

Benjamim escreveu, contente, feliz.

Declarava adotar igualmente a datilografia por sistema ideal, até que pudessem estabelecer um encontro franco.

E as cartas começaram afetivas para se tornarem longas e belas, carinhosas e ardentes.

Confidências recíprocas. Autobiografias discretas. Flores e lembranças pelo correio. Respeitosamente, contou-lhe Benjamim uma longa história. Era casado. Mas via-se distanciado da esposa, desde muito. Não a acusa-

va. Informava, apenas, que não soubera fazê-la feliz.

Em outras missivas, historiava estranhos episódios. Relacionava dificuldades do pretérito.

E dizia-se um homem a caminho da regeneração.

Enviava livros. Livros espíritas, consoladores, que ela manuseava com imensa emoção. Aqueles apontamentos dele inclinavam-na à alegria e à esperança. Falavam de renúncia, entendimento, perdão...

Ela mesma, com dez meses de correspondência, estava modificada. Mais paciente, mais tolerante.

E pensava: "se conhecesse tudo isso ao tempo de Tristão..."; todavia, mentalizava Benjamim e expulsava a imagem do esposo, buscando anular-lhe o reflexo...

Impossível que Benjamim fôsse mau... E ainda que houvesse cometido algo passível de justa reprovação, ali estava, naquelas cartas, religiosamente datilografadas, plenamente refeito.

Estava presa aos compromissos legais. Contudo, nada a impedia de manter uma afeição pura e nobre. Incentivo do coração que pudesse auxiliá-la a viver...

Pensando em como prosseguir no romance, revirava nas mãos a última carta...

Antes, deliberadamente, adiavam sempre, entre si, a remessa de fotos. Benjamim, no entanto, convidava-a, agora, a que se avisassem.

Esperá-la-ia às dez horas em ponto, do dia seguinte, domingo, à porta do velho Jardim Botânico.

Envergaria costume de linho alvo e traria gravata escura com pequeno alfinete em forma de "R".

Respondera aquiescendo.

E informara que trajaria um vestido da mesma cor, mostrando um broche singelo lembrando os contornos da mesma letra.

Enfim, enfim o encontro...

III

Manhãzinha, Rosabela pôs-se em marcha.

A princípio, o elétrico e, depois, o lotação.

Não quis, porém, descer, de chofre, nas imediações do jardim. Queria movimentar-se um tanto. Preparar-se. E chegar às dez em ponto.

Fêz sinal e apeou numa rua da Gávea. Aí mesmo, mal suportando a própria emoção, retocou o semblante e realinhou os cabelos, utilizando pequena bolsa.

E caminhou, coração aos saltos, no rumo certo.

Vários grupos se movimentavam sob o arvoredor, à caça de ar puro.

Avançou, trêmula. Olhou o relógio. Dois minutos para dez. Mais alguns passos e estacou.

O amigo lá estava. Roupa branca e gravata escura. O alfinete em forma de "R" luzia, não obstante minúsculo.

Mas, aquele homem... Aquele homem era Tristão.

O marido, muito pálido, veio ao encontro dela. Ambos, prestes a cair, abraçaram-se, de manso.

— Pois é você, Rosa? Eu bem desconfiava... Sòmente você poderia escrever-me como fêz, tocando-me o coração... Perdoe-me, agora! Estou transformado, creia... Sofri demais. Este encontro é a resposta do Mundo Espiritual às minhas preces constantes! Louvado seja Deus!...

Rosabela nada respondeu.

O esposo, no entanto, abraçou-a mais forte, ao notar que ela repousara a cabeça em seus ombros, e, depois de alguns minutos, percebeu que a primorosa lapela surgia agora ensopada de lágrimas.



Dentro da própria casa

Abastado fazendeiro fluminense, de ideias espíritas, vinha do sítio à cidade, a fim de entender-se com o Juiz de Menores sobre o comportamento reprovável de um filho. O jovem de catorze anos fizera-se malfeitor. A princípio, subtraía valores em casa. Em seguida, passou a escandalizar parentes. Supunham-no enfermo. Levado ao facultativo, recebeu conselho, medicação.

Ainda assim, não se emendou. A pequena mão leve preocupava.

Por último, era apontado como sendo o autor do desaparecimento de grande soma de residência vizinha. O pai, aflito, marcara encontro com a autoridade e, de passagem por Nilópolis, parou num posto de gasolina. Um companheiro reconheceu-o. Abraços. E, de imediato, a roda de amigos. Assunto vai, assunto vem.

José Luís do Espírito Santo, ferroviário espírita, humilde e abnegado, está no círculo.

Ouve a conversa com discrição. De quando em quando, atende a esse ou àquele necessitado. E' um coração materno a rogar auxílio. Um velhinho a pedir café. Um doente que lhe apresenta o semblante triste. Essa ou aquela criança tentando amparo. O dinheiro é pouco, mas José Luís saca do bolso, sem exauri-lo. Para cada um tem o auxílio como resposta.

A certa altura, o fazendeiro itinerante observa, conselheiral:

— Meu amigo, tenho muita simpatia pela Doutrina Espírita, mas creio que o exagero da caridade é um abuso. Ajudar a torto e a direito é criar vadios.

O ferroviário esboçou o gesto de quem fora surpreendido em falta e justificou-se:

— Dou coisa alguma, doutor. Um homem, como eu, conta apenas migalhas. De fato, o senhor tem razão. E' possível que a gente ajudando possa, aqui e ali, ver surgir vadios. Mas sempre noto que a gente, acumulando muitos bens sem proveito, faz também os ladrões.

E sem saber que tocava fundo na chaga do homem:

— E às vezes fazemos ladrões dentro da própria casa.



Contrabando

— Acautele-se, meu filho! Fuja de qualquer desrespeito ao caminho legal. Resigne-se ao dever. O trabalho honesto é a vida segura. Pode haver embaraço, sim. Pode haver. Mas o suor na obrigação bem cumprida é o preço correto da verdadeira felicidade! — assim falava o Espírito de Dona Maria Clara ao seu filho Leonardo, através do médium. — Não queira contrabando. Você é tintureiro. Cuide da roupa limpa, que é serviço de Deus. Lembre-se de que, às vezes, tudo exigindo, costumamos tudo perder. A criatura tem livre arbítrio para melhorar o destino ou agravá-lo, todos os dias.

Entretanto, ali mesmo, ao término da sessão, Leonardo Madeira falava aos amigos:

— Ora, ora. Minha mãe mora noutro mundo... Aposto que mudaria se estivesse no nosso... Tenho um filho para educar e o colégio é um osso duro... Minha vida é meu filho. Jurei que não terá de futuro as minhas dificuldades...

— Mas ouça, Leonardo — falava Serra,

um dos diretores do templo —, você precisa considerar... Se você realmente negocia de forma clandestina...

— Clandestina, porquê? Meu trabalho é tão lícito quanto os outros. Compro e vendo, é tudo o que faço.

E Leonardo continuou. Ricardo era o filho feliz.

Para estudos de Ricardo, passeios de Ricardo, exigências de Ricardo e loucuras de Ricardo, fizera-se o receptador de perfumes e isqueiros, revólveres e rádios, no comércio ilegal.

Burlava, com esmero, os agentes do fisco. E a renda aumentava. Chegou, porém, a noite da enorme desilusão.

Recebera Leonardo três revólveres finos para passar adiante. À noite, o filho, alcoolizado em festa junina, chega em casa e deslumbra-se.

Observa um exemplar, apalpa outro, ainda o terceiro. Por fim, simpatiza mais fortemente com um deles. E tem a ideia louca de disparar, como complemento aos folguedos daquela noite.

Carrega a arma e experimenta, mas os dedos tremem, altera-se a direção e a bala lhe vara o peito. Rebolço. Gritaria. Correr-corre. Ambulância. Mas, em poucos minutos, Leonardo, desalentado, recolhe o filho morto.

Na hora do passe

Dirigia José Petitinga distinta organização espírita na capital bahiana, quando um rapaz, interessado em grandes projetos de assistência social, veio procurá-lo.

E entre ambos a conversação se alongou.

— Petitinga, não podemos ficar parados. A hora é de trabalho, trabalho...

— Também penso assim.

— Que acha você levantarmos um orfanato para as criancinhas desamparadas de Salvador?

— Excelente projeto.

— E um sanatório para obsidiados?

— Muito importante.

— E uma vila completa para os nossos irmãos infelizes que moram em casebres miseráveis? Uma vila, Petitinga, em que pudéssemos reunir muitas famílias?

— O plano é uma bênção.

— Um lar para velhinhos é uma necessi-

dade... Às vezes volto para a casa, à noite, e vejo anciões na calçada. Que diz você de um albergue moderno, de amplas proporções?

— Isso seria uma concessão de Deus.

— Noto igualmente que precisamos de um instituto diferente para os alcoolizados. Uma casa-hospital, em que os internados esqueçam o vício... Que opinião é a sua?

— Nem tenho expressões. Uma obra dessas é um monumento de amor.

— E uma escola? Que diz você de uma escola?

— Uma escola, em bases espíritas, é caminho do Reino de Deus.

Petitinga não cabia em si de contente.

Afinal — pensava — surpreendera aversa.

Alguém que iria longe, homem disposto a trabalhar e a sofrer pela causa.

E como o tempo passava e tinha serviço urgente, convidou:

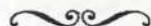
— Bem, meu amigo, a sua palavra brilha para mim. Continuemos conversando em serviço. Estou justamente na hora do passe a dois irmãos tuberculosos e terei muito prazer no seu concurso...

Mas o moço, incompreensivelmente, alterou o semblante. Fêz-se lívido. Repetiu, várias vezes, o gesto de quem expulsa a poeira.

do paletó, e ele, que sonhava tantas obras de caridade, respondeu, desenxabido:

— Ora, Petitinga, isso não. Você compreende. Não posso buscar moléstias contagiosas. Tenho família.

E lá se foi...



6

O temor da morte

— Doutor, a sua competência é a nossa esperança. O senhor já operou Paulina por duas vezes...

Narciso Meireles pedia o concurso do Dr. Sales Neto, distinto médico espírita, para a mulher que experimentava parto difícil, em vilarejo distante.

— Porque se deixaram ficar assim, tão longe? — disse o médico, procurando esquivar-se.

— A crise apareceu de surpresa... O senhor prefere o avião? Dez minutos apenas.

— Nada disso. Perdi dois amigos de uma só vez na semana passada. Nada de voo...

— Um carro?

— A estrada é péssima. Não soube do desastre havido anteontem?

— Um cavalo, doutor? Arranje-lhe um cavalo...

— Era o que faltava! Não posso expor-me assim...

— Que sugere? — roga o marido desapontado.

— Se quiserem — disse o médico —, tragam a parturiente aqui, como julgarem melhor... De minha parte, não me arrisco...

Em face da evidente má vontade do facultativo, o esposo aflito aquiesceu e partiu a galope, em busca do teco-teco.

No outro dia, porém, quando a senhora Meireles chegou, abatida, na expectativa da intervenção, a residência do operador estava cheia de gente.

O Dr. Sales Neto, naquela noite, havia morrido, no próprio leito, em consequência de uma trombose...



7

Por cinco dias

Mais de seis lustros passaram.

Francisco Teodoro, o industrial suicida, experimentara pavorosos suplícios nas trevas...

Defrontado por crise financeira esmagadora, havia aniquilado a existência.

Tivera vida próspera. À custa de ingente esforço, construía uma fábrica. Importando fios, conseguira tecer casimiras notáveis. E o trabalho se lhe desdobrava, promissor. Operários e máquinas eficientes, armazéns e lucros firmes.

Surgira, porém, a retração dos negócios.

Humilhavam-no cobranças e advertências, a lhe invadirem a casa. Frases vexatórias espancavam-lhe os ouvidos.

— Coronel Francisco, trago-lhe as promissórias vencidas.

— Sr. Francisco, nossa firma não pode esperar.

O capitão do serviço pedia mais tempo; apresentava desculpas; falava de novas espe-

ranças e comentava as dificuldades de todos.

Meses passaram pesadamente.

Cartas vinagrosas chegavam-lhe à caixa postal.

Devia a credores diversos o montante de oitocentos contos de réis. A produção, abundante, descansava no depósito, sem compradores.

Procurava consolo na fé religiosa.

Por toda parte, lia e ouvia referências à Divina Bondade. Deus não desampara as criaturas — pensava. Ainda assim, tentava a oração, sem abandonar a tensão.

E porque alguém o ameaçava de escândalos na imprensa, com protestos públicos, em que seria indicado por negociante desonesto, escreveu pequena carta, anunciando-se insolúvel, e disparou um tiro no crânio.

Com imenso pesar, descobriu que a vida continuava, carregando, em zonas sombrias de purgação, a cabeça em frangalhos...

Palavra alguma na Terra conseguiria descrever-lhe o martírio. Sentia-se um louco encarcerado na gaiola do sofrimento. Depois de trinta anos, pôde recuperar-se, internando-se em casa de reajuste, reavendo afeições e reconhecendo amigos...

E agora que retornava à cidade que lhe fora ribalta ao desespero, notava, surpreendi-

do, o progresso enorme da fábrica que lhe saíra das mãos.

Embora invisível aos olhos físicos dos velhos companheiros de luta, abraçou, chorando de alegria, os filhos e os netos reunidos no trabalho vitorioso.

E após reconhecer o seu próprio retrato, reverenciado pelos descendentes no grande escritório, veio a saber que acontecimento importante sucedera cinco dias depois dos funerais em que a família lhe pranteara o gesto terrível.

À face da alteração na balança comercial do País, ante a grande guerra de 1914, o estoque de casimiras, que acumulara zelosamente, produziu importância que superou de muito a quatro mil contos de réis.

Mostrando melancólico sorriso, o visitante espiritual compreendeu, então, que a Bondade de Deus não falhara.

Ele apenas não soubera esperar...



Não vale a pena

Antônio Sampaio Júnior, valoroso tarefeiro do Centro Espírita "Regeneração", do Rio de Janeiro, era humilde servidor num escritório.

Zeloso, correto, madrugador.

Certa feita, mal havia espanado os móveis pela manhã, para sentar-se à máquina de escrever, foi procurado por amigo situado no comércio do Rio.

— Sampaio — disse o visitante, sem rebuços —, sei que você é espírita e esfalfa-se, há muito tempo, enfrentando dificuldades. Quanto você ganha mensalmente?

— Quatro mil cruzeiros.

O homem fez um gesto irônico e observou:

— Não vale a pena.

E prosseguiu:

— Não ignoro que você tem deveres de caridade na instituição que frequenta, socorrendo órfãos e amparando viúvas... Como é que você arranja numerário para esse fim?

— Gasto o que posso, e, quando a despesa ultrapassa os recursos, tenho amigos... Faço listas, apelos...

— Não vale a pena.

— Estou informado de que você visita os infortunados nos morros, às vezes com sacrifício da própria saúde... Aproveita decerto o carro de alguém...

— Não disponho dessa facilidade. Temos bonde à porta e, depois do bonde, faz sempre bem uma caminhada a pé...

— Não vale a pena.

— Disseram-me — continuou o homem — que você, às vezes, passa noites à cabeceira de enfermos... Naturalmente, o diretor faz concessões... Boa cama no dia seguinte, ponto facultativo...

— Não é bem assim — falou Sampaio, humilde —, nem sempre posso visitar os doentes, mas, se o faço, meu dia de serviço corre normal...

O amigo meteu a mão no bolso interno, trouxe à luz um documento e abriu-se, por fim:

— Pois é, Sampaio, admirando você como sempre, resolvi auxiliá-lo de vez. E' tempo de você melhorar. Preciso de um sócio para um *negócio da China*... Três milhões de cruzeiros. Você assina comigo a papelada e acompanharei todo o assunto... Gastaremos talvez uns quinhentos contos na tramitação do pro-

cesso... E' um navio velho que vamos desen-
cravar... Tudo pronto, você e eu ficaremos
provavelmente com mais de um milhão cada
um. Basta só que você assine...

Sampaio, sem desejar ofender, perguntou:

— Creio na lisura da iniciativa, mas há
algum inconveniente a considerar?

— Bem, o assunto envolve alguns interes-
ses de repartições públicas, mas temos noventa
e nove probabilidades a nosso favor...

— E se falharem as noventa e nove?...

— Ah! Se vier o contra — informou o
amigo, evidentemente desapontado —, teremos
entrevista no Distrito Policial.

Sampaio, sem perder a serenidade, falou
simples:

— Não vale a pena.

E recomeçou a espanar.



Claudino e a lavoura

Entre Barra do Piraí e a vila de Juparanã,
no Estado do Rio, Claudino Dias, denodado
seareiro espírita barrense, havia plantado gran-
de milharal de parceria com um amigo.

O sócio, lavrador de prol, cuidava da gle-
ba, e Claudino, que aceitara o negócio na in-
tenção de ajudar uma instituição de caridade,
financiava o cometimento.

De vez em vez, os dois, juntos, iam namo-
rar a cultura viçosa de que as águas do Pa-
raíba eram farto sustento.

Surgindo a época das espigas iniciantes,
mãos anônimas começaram talando a roça.

— Sr. Claudino — vinha José, o sócio,
notificar, dia a dia —, o produto está sendo
surripiado. Alguém está fazendo *comércio* de
milho verde, à nossa custa.

— José — recomendava o amigo —, vigie
com critério. Se você apanhar o responsável,
não faça violência. Dê conselhos...

E na manhã seguinte, José aparecia, renovando a denúncia.

Porque o resto do milho amadurecesse e o furto continuasse, numa noite de luar Claudino resolveu inspecionar a roça, ele mesmo.

Caminhou, em silêncio, quase uma hora, até que atingiu a margem do rio. Alguns momentos depois de zero hora, descansou, em prece, sob copada árvore.

Decorridos alguns minutos, notou que alguém quebrava o milho com discrição.

Tac... tac... tac... tac... Recordou o Evangelho e mentalizou as palavras que iria dizer. Não feriria o irmão que aproveitava a noite para roubar.

Avançou devagarinho... Mas, a poucos metros, vê o intruso.

E' o próprio parceiro da lavoura, arrancando espigas, despreocupado.

Claudino recua.

Ele, que desejava surpreender, não quer ser agora surpreendido.

Compadece-se do amigo e afasta-se em silêncio.

No dia seguinte, o sócio vem de novo comunicar-lhe que a roça estava sumindo...

— José — diz o companheiro, em tom paternal —, realmente a lavoura tem dado a você muitos problemas e prejuízos, mas desejo ajudá-lo. Não precisa pensar em mim. A plan-

tação é toda sua. De hoje em diante, você é o dono. Pode agir à vontade...

— Oh! Oh! Muito obrigado. O senhor é um santo... — falou o amigo.

E continuou:

— Agradeço muito, mas queria convidar o senhor para plantarmos dois alqueires de amendoim.

Claudino sorriu e respondeu:

— Muito grato pelo convite, mas agora não posso. Meus deveres são muitos.

E ante o amigo desapontado, concluiu:

— Mas Deus é sócio de todos nós e estará com você...



O aparte

Perante o enorme ajuntamento de sofrendores desencarnados, no Plano Espiritual, o Dr. Bezerra de Menezes, apóstolo da Doutrina Espírita no Brasil, rematava a preleção.

Falara, com muito brilho, acerca dos desregramentos morais.

Destacara os males da alma e os desastres do espírito.

Disponha-se à retirada, quando fino ironista o invetivou:

— Escute, doutor. O senhor disse que a calúnia é um braseiro no caluniador. Eu caluniei e nada senti. O senhor disse que o furto é um espinho no ladrão. Eu roubei e nada senti. O senhor disse que o destruidor de lares terrestres carrega a lâmina do arrependimento a retalhar-lhe o coração. Destruí diversos lares e nada senti. O senhor disse que o criminoso tem a nuvem do remorso a sufocá-lo. Eu matei e nada senti...

— Meu filho — disse o pregador —, que

sente um cadáver quando alguém lhe incendeia o braço inerte?

— Nada — disse, rindo, o opositor sarcástico —, pois cadáver não reage.

E a conversação prosseguiu.

— Que sente um cadáver se lhe enterram um espinho no peito?

— Coisa alguma.

— Que sente um cadáver se o mergulham num lago de piche?

— Absolutamente nada, ora essa! O cadáver é a imagem da morte.

Doutor Bezerra fitou o triste interlocutor e, meneando paternalmente a cabeça, concluiu:

— Pois olhe, meu filho, quando alguém não sente o mal que pratica, em verdade carrega consigo a consciência morta. E' um morto-vivo.



Jesus mandou alguém...

O culto do Evangelho no lar havia terminado às sete da noite, e João Pires, com a esposa, filhos e netos, em torno da mesa, esperava o café que a família saboreava depois das orações.

Ana Maria, pequena de sete anos, reclamou:

— Vovô, não sei porque Jesus não vem. Sempre Vovô chama por ele nas preces: "Vem Jesus! Vem Jesus!" e Jesus nunca veio...

O avô riu-se, bondoso, e explicou:

— Filhinha, nós, os espíritas, não podemos pensar assim... O Mestre vive presente conosco em suas lições. E cada pessoa do caminho, principalmente os mais necessitados, são representantes dele, junto de nós... Um doente é uma pessoa que o Senhor nos manda socorrer, um faminto é alguém que Ele nos recomenda servir...

D. Maria, a dona da casa, nesse momento

repartia o café, e, antes que o vovô terminasse, batem à porta.

Ana Maria e Jorge Lucas, irmão mais crescido, correm para atender.

Dá a instantes, voltam, enquanto o menino grita:

— Ninguém não! E' só um mendigo pedindo esmola.

— Que é isso? — exclama a senhora Pires, instintivamente — a estas horas?

Ana Maria, porém, de olhos arregalados, aproxima-se do avô e informa, encantada:

— Vovô, é um homem! Ele está pedindo em nome de Jesus. E' preciso abrir a porta. Acho que Jesus ouviu a nossa conversa e mandou alguém por ele...

A família comoveu-se.

O chefe da casa acompanhou a netinha e, depois de alguns instantes, voltaram, trazendo o desconhecido.

Era um velho, aparentando mais de oitenta anos de idade, de roupa em frangalhos e grande barba ao desalinho, apoiando-se em pobre cajado.

Ante a surpresa de todos, com ar de triunfo, a menina segurou-lhe a mão direita e perguntou:

— O Senhor conhece Jesus?

Trêmulo e acanhado, o ancião respondeu:

— Como não, minha filha? Ele morreu na cruz por nós todos!

E Ana Maria para o avô:

— Eu não falei, vovô?

O grupo entendeu o ensinamento e o recém-chegado foi conduzido a uma poltrona. Alimentou-se. Recebeu tudo quanto precisava e João Pires anotou-lhe o nome e endereço para visitá-lo no dia seguinte.

Antes da despedida, a pequena dormiu feliz, e, após abraçar o inesperado visitante, no “até amanhã”, o chefe da família, enxugando os olhos, falou, sensibilizado:

— Graças a Deus, tivemos hoje um culto mais completo.



Mesmo ferido

O rapaz fora rudemente esbofeteado num baile. Em sã consciência, não sentia culpa alguma. Nada fizera que pudesse ofender. Por mera desconfiança, o agressor esmurrara-lhe o rosto. “Covarde, covarde” — haviam dito os circunstantes. Ele, porém, limpando a face sanguinolenta, compreendeu que, desarmado, não seria prudente medir forças. Jurara, porém, vingar-se. E, agora, munido de um revólver, aguardava ocasião. Um amigo, no entanto, percebendo-lhe a alma sombria, instou muito e conduziu-o a uma reunião da Doutrina Espírita.

Desinteressado, ouviu preces e pregações, comentários e apontamentos edificantes.

Ao término da sessão, porém, um amigo espiritual, pela mão de um dos médiuns presentes, escreveu bela página sobre o perdão, na qual surgiam afirmações como estas:

— A justiça real vem de Deus.

— Ninguém precisa vingar-se.


— Mesmo ferido, serve e perdoa.

— A corrigenda do ofensor pode ser amanhã.

O jovem ouviu atentamente e saiu pensando...

Na manhã seguinte, topou, face a face, o desafeto, mas recordou a lição e conteve-se. Por uma semana se repetiu o reencontro, e, por sete vezes, freou-se prudentemente.

Dias depois, porém, retornando ao trabalho, encontra um enterro e descobre-se. Só então vem a saber que o grande esmurrador, aquele que o ferira, morrera na véspera, picado por escorpião.



13

Ouro e batatas

I

João Peres, prestimoso amigo do Plano Espiritual, estava de volta à esfera dos homens.

Tudo pronto para o renascimento. E porque desfrutasse merecidos afetos, era como bênção de luz a festa das despedidas.

— Tornarei, sim — dizia bem humorado —, e espero vencer agora.

Indagou alguém se estava informado quanto ao pretérito, ao que respondeu, generoso:

— Conservo a memória voltada para certo período — e modificando a expressão fisionômica: — Tinha eu trinta anos de idade, em Taubaté, quando foi promulgada a lei de 18 de Abril de 1702, sob o nome de “Regimento dos Superintendentes, Guarda-Mores e Oficiais Deputados para as Minas de Ouro”, com que o cetro português procurava incentivar a mineração no Brasil. Cada minerador, com mais

de 12 escravos, poderia receber uma data com 900 braças quadradas, ou seja, 4.356 metros quadrados. Vendi a propriedade que herdara, sòzinho, de meus avós, e rumei para Vila Rica. Instalado nas vizinhanças de S. João Del-Rei, consegui catorze cativos e comecei meu trabalho. Cobiçoso, não mentalizava senão ouro, ouro, ouro... Mas enquanto companheiros diversos prosperavam, felizes, não encontrava por mim senão cascalho e desilusão. Mourendo de sol a sol, a pouco e pouco me desencantei. Trinta anos vivi ali a loucura do ouro. Ouvi a fama das minas de Cuiabá. Entreguei o pedaço de terra ao meu primo Martinho Dantas e abalei-me, com dois escravos, para a viagem temível. Tudo começou às mil maravilhas, mas fomos desviados da rota e, a tempo breve, achávamo-nos sem caminho, em pleno deserto verde. A seca atacava tudo. E caí doente, fatigado, febril. Na segunda noite de maiores dificuldades, Juvenal e Sertório entraram em fuga, levando-me víveres e cavalos. No delírio que me assaltava, sentia fome... Cambaleei por dois dias, como bêbado solitário, procurando comer... Mastigando folhas amargas que me impunham tremenda salivação, arrastei-me, arrastei-me, até que, ao pé de uma fonte, vejo pequena bolsa, recheada com algo... Tremo de esperança. Alguém teria deixado ali algum resto de refeição. Abro o saquitel e

contemplo uma farinha dourada. Semi-enlouquecido, encho a boca, como quem encontra os remanescentes de alguma farofa gorda. E bebo água, muita água, para morrer depois em pavoroso suplício, porque nada mais fizera que comer ouro em pó.

II

Peres interrompeu-se.

Todavia, alguém pede mais. Encerrara então ali a carreira?

— Não — disse ele, sorrindo —, ao pé da própria carcaça, invadida de pó valioso, demorei-me por tempo indeterminado. Se dormindo, não sei. Se acordado, ignoro. Mas sei que vivi pesadelo incessante em que via barras de ouro, pepitas de ouro, lâminas de ouro e caixas de ouro... Quando essa loucura encontrou alívio, pus-me, em espírito, no movimento da retaguarda. Muito tempo havia passado, porque o próprio Martinho não mais achei. Morrera, próspero, deixando larga fortuna aos filhos. A terra que eu lhe emprestara abria-se, enfim, mostrando o seio aurífero. Reclamei meus direitos e brami contra o mundo, sem que ninguém me ouvisse, até que, um dia, por bondade de Deus, dormi, tudo esquecendo... Renascera entre os bisnetos de meu primo e, desde cedo, ansiando a posse de ouro,

aprendi a comerciá-lo. Viajava entre Sabará e S. João Del-Rei sem medir sacrifícios. Entretanto, aspirando à riqueza fácil, estimei nos escravos o gosto do furto. Quanto me pudessem oferecer tinha preço. E aumentei meus negócios. Atravessava de novo a casa dos sessenta anos, quando a clandestinidade de meus serviços escusos foi revelada. Dispunha, no entanto, de enorme fortuna em ouro e consegui escapar ao processo, subornando funcionários e consciências. Policiado, no entanto, resolvi retirar-me. Buscaria o território bahiano e, por lá, tomaria medidas novas. Mudaria meu próprio nome. Depois, desceria por mar, rumo ao sul. Na Corte, poderia desfrutar vida farta. Tomei tropas. Viajei garantido. Servidores numerosos. Carga volumosa e pesada. Na travessia do S. Francisco, exigi que as minhas duas grandes malas de ouro me acompanhassem. "E' muito peso" — disse o barqueiro, sensato. Mas exigi. Ele e eu, com a carga, ou nada feito. O homem aceitou, mas, a pleno rio, surgem correntes mais fortes. O barco oscila. Vai-se a primeira mala. Tento retê-la e cai a segunda. Gritando, à feição de louco, mergulho nas profundas águas, perdendo de novo a vida...

Peres fitou-nos, pensativo, e ajuntou:

— Desde, então, sofri merecidos horrores para aprender...

— E agora, Peres? — perguntou, intrigado, um amigo que também se dispunha à reencarnação.

O ex-garimpeiro e comerciante levantou-se e atendeu:

— Agora será diferente. Volto ao meu torrão antigo em S. Paulo e vou plantar batatas.

E, sorrindo, concluiu:

— E' muito melhor.



O negócio da doação

O professor Chaves, pioneiro da Doutrina Espírita, em Uberaba, Minas, foi procurado por prestigioso amigo do campo social, que lhe falou sem reboços:

— Chaves, agora desejo doar duzentos contos para obras espíritas; entretanto, como você não desconhece, tenho aspirações políticas desde muito tempo.

O distinto educador, sumamente conhecido por sua virtuosa austeridade, guardava silêncio.

E o outro prosseguia:

— Já auxiliei construções espíritas numerosas, mas tudo sem resultado. Tenho apenas recebido ingratidões e mais ingratidões. E' uma lástima. Em toda a parte, mentiras e mentiras. Queria, desse modo...

Como a reticência se prolongasse, Chaves perguntou:

— Queria o quê, meu amigo?

— Desejava a sua palavra empenhada, o apoio de seu prestígio diante dos espíritas, para que me garantissem o voto.

— Nada posso fazer — disse o professor, peremptório.

— Que é isso? — falou o amigo, com ar de censura. — Você prometeu receber-me e atender ao meu problema.

— Pensei que o senhor estivesse tratando de caridade, mas o que francamente procura é a realização de um negócio — disse Chaves, imperturbável.

— Que ideia! — falou o visitante, desencantado. — Entrego duzentos contos, duzentos contos de réis... Que é caridade, então?

Humilde e simples, o professor explicou:

— Caridade é o amor de Deus no coração humano. E esse amor, meu amigo, conforme nos ensina o Espiritismo, não tem preço. Onde é que o senhor já viu alguém pagar a luz do Sol, a bênção do ar, o tesouro do verdadeiro amor ou o espetáculo do céu estrelado?...


— Mas Chaves — disse o outro —, isso é muita filosofia... O que eu desejo é fazer uma dádiva... Para vocês, espíritas, o que vem a ser uma dádiva?...

E o educador respondeu, sereno:

— Dádiva é o bem que a gente faz sem esperar recompensa de coisa alguma.

O político, nervoso, despediu-se e procu-

rou distração num bilhar. E inquirido por alguns correligionários quanto aos resultados da entrevista, deu primorosa tacada e falou que o professor João Augusto Chaves não passava de um louco.



O cartaz

— Decididamente, o senhor não serve para o trabalho comercial. Desatende os que nos procuram. Foge aos horários. Discute sem razão. Perde tempo. E lança discórdia em casa... — era Frederico Fígener, abnegado espírita e grande comerciante, que falava a empavonado rapaz à porta de conhecido cinema do Rio.

— Mas, Sr. Fígener — anotava o moço —, não é possível! Fui expulso de sua firma sem mais nem menos...

— Expulso, não — explicou o negociante, paternalmente —, o senhor foi convidado a seguir sua vocação e está pago pelos serviços que nos prestou, de conformidade com todos os seus direitos.

— Mas eu sou espírita — lamentou-se o ex-empregado.

Fígener fitou o grande edifício junto ao qual conversavam, e disse:

— Meu amigo, o rótulo é quase nada. Repare este majestoso prédio. Desde a primeira pedra na base até a última no alto, tudo é harmonia e disciplina. Mas note o cartaz à porta do cinema. A presença dele aqui não altera coisa alguma.



Calvário maternal

I

Quando Maria Quitéria, viúva e doente, chegou à casa do Dr. Lauro de Melo, tinha o corpo mais morto que vivo.

O médico e a senhora, amigos de longo tempo, receberam-na entediados.

Trazia Quitéria o semblante deformado.

Perdera um dos olhos e o outro se mostrava esbugalhado, a verter uma lágrima que não chegava a cair.

O rosto, queimado meses antes por grande porção de vitríolo, impunha-lhe dolorosa feição. Parecia muito mais um monstro em corpo de mulher.

— Estou quase cega — dizia, humilhada —, e, além disso, com o acidente sou hoje inútil. Espantam-se todos. Leio anúncios, pedindo serviços. Compareço. Entretanto, quando me vêem, desanimam... Tento a lavanderia; contudo, dizem que trago moléstia contagiosa.

E apresentando Licurgo, o filhinho de cinco anos, falou súplice:

— Ofereço-lhes o menino. E' meu único filho, mas vivemos os dois em fome e penúria.

D. Ninita, a dona da casa, olhou o pequeno com simpatia. Não tinha filhos e dispunha-se a tutelá-lo. O petiz, mal vestido, correspondia-lhe à atenção, com agudeza e inteligência.

— O garoto será nosso — disse. — Mas se vier com *papel passado*. Sem que você faça renúncia completa, desisto...

A lágrima parada no olho doente fêz-se mais grossa e o pranto jorrou. Pranto resignado, silencioso.

Ainda assim, Maria Quitéria teve forças para acariciar o menino e entregá-lo, assumindo o compromisso de assinar o sacrifício em cartório.

II

O menino Licurgo, agora o moço Licurgo de Melo, pela generosidade do casal que o perfilhara, sempre que vinha de férias encontrava no lar a pobre lavadeira cercando-o de atenções.

Não compreendia porque os pais adotivos facultavam a Maria Quitéria liberalidades tão

grandes. E sòmente à força dos bons conselhos em casa lhe suportava os carinhos.

Às vezes, noite alta, ao chegar da rua, ouvia passos de leve. Podia esperar. Num minuto, a prestimosa lavadeira vinha trazer-lhe o chocolate que não pedira. E, sorrindo, zombava de suas poucas letras, exclamando:

— Você é uma excelente megera.

Acostumada a vocabulário restrito, a pobre criatura tartamudeava palavras de reconhecimento e alegria, como se ele houvera dito: — “Você é uma excelente mamãe.”

À mesa, servia-lhe quitutes raros em regime de exceção. Ele, porém, não perdia oportunidade para magoá-la. Se lhe dirigisse qualquer olhar de enternecimento, ao passar distraído, nas proximidades do tanque de lavar, avançava de pronto, à feição de um gato ferido, mergulhando-lhe a cabeça disforme na tina d'água.

Quando a via rondando o quarto, batia a porta, colérico.

E, quanto podia, buscava os pejorativos mais duros para lançar-lhos em rosto, com sorridente expressão, como se fôsem elogios adocicados.

III

Jovem médico e recém-casado, o Dr. Li-

curgo de Melo, de parceria com o pai pelo coração, consagrava-se, agora, à arruinada saúde de D. Ninita, a caminho da morte. E, junto deles, Maria Quitéria, mais cansada, era sombra a mover-se, ajudando calada.

Vigílias. Dificuldades.

Rosana, a esposa jovem, mantinha-se a distância, no governo doméstico.

Depois de muitos dias e noites esfalfantes, a doente cerrou os olhos do corpo para não mais abri-los. Inconsolável, o viúvo aceitou o alvitre de parentes bondosos, decidindo-se por alguns meses no campo.

Maria Quitéria, abandonada agora aos caprichos dos donos mais moços da casa, passou a sofrer rude trato.

Nem mesmo a memória de D. Ninita, por ela invocada nos momentos difíceis, foi sequer respeitada.

Dr. Licurgo e Rosana, partilhando por ela a mesma antipatia gratuita, submeteram-na a insuportáveis humilhações. Velhos sapatos no fogo. Roupas humildes subtraídas à velha canastra para servir como esfregão na limpeza dos pisos. Comida escassa.

E, por fim, a expulsão.

Entretanto, nunca se encorajava a sair, ainda mesmo sob ameaças.

Tantas lhe foram, porém, as dores e as privações, que um dia não mais se ergueu.

— Agora é levá-la à força para o hospital — dissera Rosana, dominadora; e Licurgo, com toda a facilidade, desterrou-a para uma secção de indigentes, descartando-se, enfim...

IV

Atendendo à oração de dois estudantes de Medicina, dedicados à assistência cristã, conhecemos Maria Quitéria, em seu leito de angústia.

A cirrose do fígado agravava-se pouco a pouco. Nada conseguia deter a esclerose retrátil, agora irreversível.

Visitámos, assim, a casa principesca do filho que a conhecia, desconhecendo-a. E vimos a volta do Dr. Lauro de Melo ao antigo solar em que fora feliz.

Era noite. Depois do chá, com saborosos confeitados, perguntou pela serviçal, ao que Rosana informou, displicente:

— Afinal de contas, Dr. Lauro, Maria Quitéria era um trambolho difícil de conservar.

O velho médico ouviu todo o relatório, carregando o cenho, e, depois, tomando corajosamente a palavra, explicou-lhes a verdade total. A pedido da própria Maria Quitéria, a esposa desencarnada e ele se abstiveram de dar-lhes a conhecer a realidade. Ela temia fa-

zer o filho infeliz, diante da aversão que sua presença sempre lhe causava.

E, por fim, ele, que conhecia agora os segredos do sofrimento moral, ante a saudade constante da companheira, chorou intensivamente, ao contar que fora o próprio Licurgo, quando menino de quatro anos, quem lhe despejara no rosto um vidro de ácido sulfúrico.

O pai, operário simples de uma grande oficina, possuía o corrosivo em casa, como material de serviço. Na noite seguinte ao dia dos funerais dele, enquanto a infortunada viúva dormia, Licurgo, na inconsciência infantil, entornara-lhe o ácido na face.

Maria Quitéria sofrera terrivelmente, mas escapara, e m b o r a conservando monstruoso semblante.

Licurgo chorava, abraçado à esposa, igualmente banhada em pranto.

Na mesma noite, demandaram a enfermaria, que se abriu facilmente, extra-ordens, ante as duas patentes médicas. Entre leitos anônimos, Maria Quitéria agonizava...

Dr. Lauro tomou-lhe o pulso e abanou a cabeça. Era tarde.

Licurgo e Rosana ajoelharam ao pé da cama:

— Mamãe! Mamãe! — gritou ele, chorando — porque não me disse tudo?

A enferma, nas raias da morte, identifi-

cando as visitas, cobrou ânimo e contemplou-o, enternecida. Daria tudo para erguer a mão quase fria e afagar-lhe a cabeça, mas não pôde.

Licurgo, porém, viu que aquele inesquecível olhar o reconhecera, e pediu:

— Mamãe, minha mãe, perdoe-me, perdoe-me!

Ela, reunindo todas as forças e como se nunca tivesse razões para perdoar, simplesmente falou:

— Deus te abençoe, meu filho!

E, passeando a triste expressão do olho semimorto pelo aposento, disse ainda:

— Meu filho, meu filho, leve-me para casa...

Entretanto, não mais voltou.

Ao calor do abraço filial, encharcado de lágrimas, dormiu, e veio ter conosco.

A Morte, qual humanitária cirurgiã, refizera-lhe o rosto.

E dormindo em nossos braços, na viagem para a vida melhor, guardava a expressão serena de um anjo.



Que acha o irmão?

João Neves, moço de muita fé, sempre recorria aos préstimos de benfeitor desencarnado que ajudava aos doentes por intermédio das faculdades psicofônicas de conhecida médium.

Por mais de cinco anos consecutivos, o Espírito amigo tratava da saúde de João, através de passes, com inexcedível paciência.

Certo dia, incorporado à médium, o caridoso amigo considerou:

— João, tudo temos feito por suas melhoras. Entretanto, o problema gástrico está renitente.

E ajuntou:

— Que comeu você hoje ao almoço?

O rapaz informou, presto:

— Comi feijão e arroz, cinco batatas, duas empadas grandes, um prato de saladas, dois pães com manteiga, dois bifés, quatro ovos e duas xícaras de café quente. E'... — e relan-

çando o olhar pela sala, como se recorresse à memória, acrescentou — Parece que foi só isso.

Notando que o Espírito silenciara, João indagou:

— Que acha o irmão?

O benfeitor sorriu, através da médium, e respondeu:

— Eu, João? Que posso falar? Penso apenas que o único remédio em seu caso seria Deus conceder a você dois estômagos...



Carrancismo

O grupo solicitara a presença do Dr. Guillon Ribeiro, através do médium, para estudar os problemas da Instituição, e os amigos comentavam:

— O que nos espanta é o carrancismo do presidente da nossa casa... Velharia nas providências, velharia nas decisões... — falava um deles.

— E o rotinismo do tesoureiro? — dizia outro — pensa por padrões do outro século...

— O que me assombra é a nossa caminhada carro-de-boi — lamentava-se um terceiro. — Carrancismo, carrancismo...

— Justamente — proclamava ainda outro —, não encontraríamos definição mais exata. Carrancismo é a praga de nossa diretoria.

O Espírito amigo, que ocupara dignamente, e por longos anos, a direção da Casa de Ismael, no Brasil, escutava, escutava...

Pretendendo arrancar-lhe uma opinião, pediu um dos circunstantes:

— E o senhor, doutor Guillon? que diz o senhor acerca de nosso assunto?

O benfeitor desencarnado deixou o silêncio em que se mantinha e falou, sorridente:

— Sim, meus amigos, do ponto de vista em que se colocam, vocês têm razão, mas “carrancismo” é a palavra com que sempre definimos o trabalho da diretoria de qualquer Instituição da qual não façamos parte.



Outra opinião

— Tenho meu coração agoniado e defendê-lo-ei até ao fim. Estive com o gerente e conversámos sobre o assunto. Nosso caro Roque não agiu com premeditação. Não se pode afirmar que é realmente furto. O homem está obsidiado, mas infelizmente o Banco não sabe disso.

Era Raimundo Cecílio, o contador de grande organização bancária, advogando a causa de um colega que fugira pela manhã, carregando consigo nada menos de oitocentos mil cruzeiros.

O pequeno círculo de amigos, a princípio severo, como que se adoçava. A opinião de Raimundo era água fria na fervura.

E continuava:

— Quem de nós está livre? Amanhã, o assédio das entidades perturbadas e infelizes pode voltar-se contra nós. E' preciso compreender. Roque está doente. Doente da alma.

— Entretanto — opinou um companhei-

ro —, é esquisito! Olhe bem que ele soube empalmar com absoluta mestria oitocentos contos de uma só vez.

— Como poderia ser até mais — atalhou Cecílio, conciliador —; lembre-se de que ele tem os sentidos obliterados.

E enquanto o grupo chegava ao serviço, outro amigo acentuou:

— Raimundo, graças a Deus temos em você um companheiro espírita compreensivo e cristão. Um apoio fraterno, solucionando-nos as dificuldades morais.

— Ora, ora! isso é dever de nós todos — respondia Cecílio, convicto.

No saguão, porém, um contínuo aproximou-se e notificou:

— Sr. Raimundo, o senhor já soube?

— Soube o quê?

— O Roque, ao fugir hoje, pela manhã, carregou a capa que o senhor deixou aqui ontem.

E Cecílio, que se arvorara em defensor do colega, gritou, completamente transtornado:

— Gatuno! Cão vil! Pagará caro! Ele há-de ver!



O merecimento

I

Saturnino Pereira era francamente dos melhores homens. Amoroso mordomo familiar. Companheiro dos humildes. A caridade em pessoa. Onde houvesse dor a consolar, aí estava de plantão. Não só isso. No trabalho, era o amigo fiel do horário e do otimismo. Nas maiores dificuldades, era um sorriso generoso, parecendo raio de sol dissipando as sombras.

Por isso mesmo, quando foi visto de mão a sangrar, junto à máquina de que era condutor, todas as atenções se voltaram para ele, entre o pasmo e a amargura.

Saturnino ferido! Logo Saturnino, o amigo de todos...

Suas colegas de fábrica rasgaram peças de roupa, a fim de estancar o sangue a correr em bica.

O chefe da tecelagem, solícito, conduziu-o

ao automóvel, internando-o de pronto em magnífico hospital.

Operação feliz. O cirurgião informou, sorrindo:

— Felizmente, nosso amigo perderá simplesmente o polegar. Todo o braço direito está ferido, traumatizado, mas será reconstituído em tempo breve.

Longe desse quadro, porém, o caso merecia apontamentos diversos:

— Porque um desastre desses com um homem tão bom? — murmurava uma companheira.

— Tenho visto tantas mãos criminosas saírem ilesas, até mesmo de aviões projetados ao solo, e justamente Saturnino, que nos ajuda a todos, vem de ser a vítima! — comentava um amigo.

— Devemos ajudar Saturnino.

— Cotizemo-nos todos para ajudá-lo.

Mas também não faltou quem dissesse:

— Que adianta a religião, tão bem observada? Saturnino é espírita convicto e leva a sério o seu ideal. Vive para os outros. Na caridade é um herói anônimo. Porque o infausto acontecimento? — expressava-se um colega materialista.

E à tarde, quando o acidentado apareceu muito pálido, com o braço direito em tipóia,

carinho e respeito rodearam-no por todos os lados.

Saturnino agradeceu a generosidade de que fora objeto. Sorriu, resignado. Proferiu palavras de agradecimento a Deus. Contudo, estava triste.

II

À noite, em companhia da esposa, compareceu à reunião habitual do templo espírita que frequentava.

Sessão íntima.

Apenas dez pessoas habituadas ao trato com os sofrendores. Consagrado ao serviço da prece, o operário, em sua cadeira humilde, esperava o encerramento, quando Macário, o orientador espiritual das tarefas, após traçar diretrizes, dirigiu-se a ele, bondoso:

— Saturnino, meu filho, não se creia desamparado, nem se entregue a tristeza inútil. O Pai não deseja o sofrimento dos filhos. Todas as dores decretadas pela Justiça Divina são aliviadas pela Divina Misericórdia, toda vez que nos apresentamos em condições para o desagravo. Você hoje demonstra indiscutível abatimento. Entretanto, não tem motivo. Quando você se preparava ao mergulho no berço terrestre, programou a excursão presente. Excursão de trabalho, de reajuste. Acon-

tece, porém, que formulou uma sentença contra você mesmo...

Fêz uma pausa e prosseguiu:

— Há oitenta anos, era você poderoso sitiante no litoral brasileiro e, certo dia, porque pobre empregado enfermo não lhe pudesse obedecer às determinações, você, com as próprias mãos, obrigou-o a triturar o braço direito no engenho rústico. Por muito tempo, no Plano Espiritual, você andou perturbado, contemplando mentalmente o caldo de cana enrubescido pelo sangue da vítima, cujos gritos lhe ecoavam no coração. Por muito tempo, por muito tempo...

E continuou:

— E você implorou existência humilde em que viesse a perder no trabalho o braço mais útil. Mas, você, Saturnino, desde a primeira mocidade, ao conhecer a Doutrina Espírita, tem os pés no caminho do bem aos outros. Você tem trabalhado, esmerando-se no dever... Não estamos aqui para elogiar, porque você continua lutando, lutando... e o plantio disso ou daquilo só pode ser avaliado em definitivo por ocasião da colheita. Sei, porém, que hoje, por débito legítimo, alijaria você todo o braço, mas perdeu só um dedo... Regozije-se, meu amigo! Você está pagando, em amor, seu empenho à Justiça...

De cabeça baixa, Saturnino derramava grossas lágrimas.

Lágrimas de conforto, de apaziguamento e alegria...

Na manhã seguinte, mostrando no rosto amorável sorriso, compareceu, pontual, ao serviço.

E porque o fiscal do relógio lhe estranhasse o procedimento, quando o médico o licenciara por trinta dias, respondeu simplesmente:

— O senhor está enganado. Não estou doente. Fui apenas acidentado e posso servir para alguma coisa.

E caminhando, fábrica a dentro, falou alto, como se todos devessem ouvi-lo:

— Graças a Deus!



A fala de cada um

Logo após o início da sessão, Cacique de Barros, distinto bahiano que foi valoroso missionário dos princípios espíritas no Rio Grande do Sul, falava, despretensioso, quanto à necessidade de se coibirem as mistificações nos fenômenos mediúnicos.

Recomendava o estudo constante. Enca-recia a meditação.

Era preciso tudo fiscalizar, pelo crivo da análise.

A palavra dele conquistava simpatia crescente...

Como, porém, solucionar o problema?

O círculo de confrades entrou em oração, e ele rogou parecer ao mentor da casa.

Através do médium, o Amigo Espiritual compareceu bem humorado e, depois de saudação fraterna, falou conciso:

— Meus irmãos, há uma lenda hindu que nos esclarece. Um homem necessitado era dono de um burro que lhe prestava grandes


serviços. Mas, porque não tivesse recursos, enfraqueceu-se o animal por falta de forragem. Passeando, porém, a distância de casa, o homem achou um tigre morto. E teve uma ideia. Cobriria o humilde cooperador com a pele do tigre e soltá-lo-ia cada noite nas terras dos fazendeiros vizinhos. Visto disfarçado em tigre, o burrico seria respeitado, e assim aconteceu. O muar fartava-se de cevada e, manhãzinha, era recolhido pelo dono à pequena estrebaria. O burro, nesse regime, fêz-se nédio, contente da vida. Mas, surgiu uma noite em que jumentas vararam a paisagem, zurrando, zurrando... E o burro, acordado nas afinidades do instinto, zurrou e zurrou também... Os fazendeiros, com isso, descobriram a farsa e mataram-no a cacetadas, rasgando-lhe toda a pele...

O orientador fêz uma pausa e continuou:

— Nome, forma, gesto, fama e autoridade são aspectos na pessoa, sem serem, de modo algum, a pessoa em si.

Em seguida, concluiu:

— Se vocês quiserem realmente conhecer benfeitores e malfeitores, sábios e ignorantes, são e doentes, encarnados e desencarnados, escutem, com atenção, a fala de cada um.



22

Suicida

I

Desde o momento em que sorvera a mistura venenosa, Marina sentia-se morrer, sem morrer.

Não queria viver mais. Via-se desprezada. Acariciara o sonho de esposar Jorge e criar-lhe os filhos. Dois anos de vã esperança.

O pai costumava dizer-lhe: "Cuidado com os rapazes de hoje, nem sempre têm bom caráter"; ela, porém, achava-o antiquado e exigente. A mãe, entretanto, sorria e deixava passar.

Além disso, como resistir? Jorge assobiava todas as noites. Começou pedindo-lhe livros.

— Estou em dificuldades com meu professor de latim — dissera.

E levava-lhe a gramática, voltando no

outro dia para solicitar informações. Percebera a manobra, encantada.

Desde então, encontravam-se noite a noite.

A princípio, comentavam estudos.

Queixavam-se dos professores, criticavam colegas, embora frequentassem instituições diferentes.

Complicara-se, contudo, a conversação.

Após quatro semanas de convivência, iam juntos ao cinema do bairro.

E tudo se agravou numa noite de chuva. Havia assistido a um filme pitoresco. Uma jovem tímida, contrariada pela família, entregara-se ao rapaz, com quem fugiu, confiante.

Ninguém poderia dizer o que teria acontecido depois, mas o cinema coroara a aventura com um beijo.

Sob a marquise, pensavam no tema, mergulhando o olhar um no outro. À frente da garoa persistente, sentiam-se como numa ilha de encantamento.

— Você teria coragem de acompanhar-me num longo passeio? — perguntou ele, com intenções ocultas.

Ela corara, sem responder.

Refletia na heroína do filme. Não conseguiu desvencilhar-se do braço que a envolvera.

Ele interpretara-lhe o silêncio pelo "sim". Ela não tinha voz para dizer-lhe "não".

Deixou-se conduzir.

Automáticamente.

Lembrava-se de tudo...

Jorge chamara um táxi. Inebriada, sentia-se deslizar no asfalto, como quem patinasse acima das nuvens. Sonhava...

Nem viu quando o moço fez sinal ao motorista.

Qual se fora um animal hipnotizado, seguiu o companheiro. Desceram.

Pingos de chuva caíam-lhe nos cabelos de menina e mulher, como se a noite compassiva desejasse apagar o vulcão de sentimentos e ideias a lhe transtornar a cabeça.

Transpuseram um pequeno portão.

A pequena escada pareceu-lhe um trecho de espaço, à frente do paraíso...

II

Ele apertou um botão que encimava um florão da parede.

Alguns instantes de espera e abre-se a porta. Senhora gorda e afável atendeu, prestimosa.

— Minha velha amiga — dissera Jorge, sorrindo.

E continuou loquaz, enquanto ocupavam pequena sala. A chuva apoquentara-os, e pediam abrigo de alguns minutos a fim de conversarem a sós.

A dona da casa nem de leve se surpreendera, e indicou-lhes quarto próximo.

O moço tomara-lhe a mão trêmula e arrastou-a quase. Mal teve ela tempo para relancear os olhos pelo recinto. Um belo leito de casal estava perto.

Na parede um retrato do Cristo. Que fazia ali a imagem do Cristo?

Recordou em relampagueantes pensamentos repetidas palavras maternas: — “Todos devemos orar”. Mas não dispunha de espaço mental para ocupar-se do assunto.

Jorge enlaçara-a e as horas se perderam da imaginação, como se o tempo estivesse morto.

Acordou junto dele, alta madrugada. Lembrou-se do lar, como se fôsse uma rosa despetalada que devesse retornar ao jardim.

Chorou.

Jorge despertara, generoso, e acalmou-a.

— Tolinha, não há motivo para lágrimas.

Levantaram-se, tornando à sala.

A senhora hospitaleira, embora estremunhada, tinha no rosto a calma das enfermeiras de plantão.

O moço pediu chá e explicou-lhe algo em voz baixa.

Depois do chá, o táxi, chamado pelo telefone, compareceu.

A viagem de volta não apresentava o sa-

bor da vinda. Entre os dois, agora, o silêncio.

— Conversaremos amanhã — disse Jorge simplesmente, ao deixá-la em casa.

O coração materno esperava-a. Parecia adivinhar tudo, pela inquietação que denunciava.

— Porque afligir-se, Mãezinha? — mentira pela primeira vez, como passaria a mentir sempre — a chuva atrasou-nos em excesso e descansámos em casa de Jorge — afirmara, beijando-lhe a face.

E não obstante a carantonha do relógio mostrando as três horas, Dona Marcília nada respondeu, suspirando fundo.

III

Desde essa ocasião, aparecera-lhe o outro lado da vida.

Conheceu mais de perto a residência da cancela rosada.

Conversou mais demoradamente com a mulher que velava e conheceu outras clientes do pequeno edifício.

Ao fim de quatro meses, sentira-se diferente. Tinha vertigens. Vomitava.

Jorge levou-a ao gabinete de um médico ainda jovem, que lhe deitava olhares ambíguos.

Revoltava-se diante dele, mas submeteu-se a tratamento.

Processou-se o aborto esperado. Todavia, desde então, tinha sonhos alucinantes.

Via-se perseguida por alguém. Rouque-nha voz lhe gritava aos ouvidos: "Mãe, mãe, porque me mataste?" Acordava, enxugando o suor álgido, no lençol.

Queria ser mãe. Para isso, porém, precisava casar-se.

Jorge, no entanto, exigia-lhe calma. Devia terminar o curso de bacharel. Mas, nos últimos tempos, fizera-se arredo.

Contava-lhe os sonhos, perturbada. Ele ria-se e falava em consulta ao psiquiatra. Dizia-se também cansado. Estudos intensivos.

Passavam-se agora semanas de ausência. Telefonava-lhe. Pedia conselhos, rogava conforto. Ele sempre a dissipar-lhe os temores com a promessa do matrimônio.

Desde o aborto, era outra. Parecia-lhe viver com o filho que não nascera. Sentia-se visitada por ideias estranhas, como vidraça clara atravessada por largo jogo de sombras.

Na véspera, buscara Jorge na esperança de mais decisivo socorro médico. E estarecera-se. O amigo, que sempre considerara noivo em particular, estava com outra.

Apresentou-a.

— Companheira de infância — informou.

E afirmara, sem reboço, que pretendia casar-se dentro de poucos dias.

A rival cumprimentou-a, indiferente à dor que a fulminava. Empalidecera. Jorge, sorridente, conduziu-a a pequena distância e explicou-se.

Não a amava, confessou impassível.

— E' melhor terminarmos assim — falou, frio —, antes de mais sérias dificuldades.

Ela implorou em lágrimas.

— Dissuada-se — concluiu quase áspero.

E afastara-se, retomando o braço da jovem que sorria, tranquila, a ignorar-lhe a tragédia.

IV

Mundo íntimo desmoronado.

A ideia de suicídio envolveu-a de todo.

Arrastou-se de regresso a casa.

Adquiriu a substância letal.

Escreveu bilhetes.

E, pela manhã, sorvera a poção de uma só vez.

Pavorosa dor irrompeu-lhe na carne, nos nervos, no sangue, nos ossos...

Convulsões sucessivas não lhe permitiam morrer.

Entretanto, ouvia sua própria mãe a gritar como louca: "Morta! Morta!"

Ouvia algazarra, mas o próprio sofrimento não lhe conferia o privilégio das discriminações. Viu-se carregada. Dois homens colocaram-na em "vasta gaveta", a única interpretação que podia dar ao espaço fechado de pequena ambulância.

Não apenas chorava. Rugia em contorções, mas ninguém lhe percebia agora os terríveis lamentos.

Viu-se atirada, sem qualquer consideração, de encontro ao que lhe pareceu "laje fria". Suplicava socorro. Agitava-se.

Ninguém, no entanto, atendia aos seus apelos.

Seis homens aproximaram-se. Um deles, mais experiente, parecia conduzir outros cinco.

Queria ajoelhar e pedir-lhes a necessária assistência.

Arrependera-se. Desejava retomar o corpo e viver. Pensava no martírio dos pais. Reconhecia-se jovem ainda.

Poderia sobrepor-se à situação. Trabalharia por vencer. Nenhum dos circunstantes lhe ouvia os brados. Pareciam desconhecer-lhe, desrespeitá-la. E mais que isso, desnudaram-na.

V

O homem amadurecido afastou-se por minutos como quem se esquecera de trazer algum

remédio a fim de ajudá-la. Dois dos cinco rapazes presentes tocaram-lhe o corpo. Beliscaram-na.

Alarmou-se, indignada ante o vexame evidente.

O mais velho, longe de garanti-la, fez mais. Tomou de um bisturi e abriu-lhe o abdômen.

— Assassinos! Assassinos! — estertorava.

Mas a operação prosseguia. Ouviu vozes. Alguém dizia: "Bela mulher!", enquanto o cavalheiro amadurecido, em grande avental branco, falava em "cianetos" e "cheiro de amêndoas amargas".

Um dos moços, de olhar irônico, exclamou, tateando-lhe o busto: — "Porque matar-se deste modo?"

Sentindo-se em desespero total, clamava que não. Tentara o suicídio, mas recuara.

— Terminassem a operação! — pedia, em pranto, reconhecendo tratar com jovens cirurgiões em estudo.

Tinha pressa. Desejava tranquilizar os pais, refazer a existência. Mas, em meio das sensações turbilhonárias que lhe atormentavam a alma, sentiu que continuavam a lhe cortar a carne.

Era demais. Viu-se separada do próprio corpo, como jóia que salta mecânicamente do escrínio. E conheceu a verdade, enfim. O cor-

po que ela própria arruinara apresentava máscara triste. Mãos ágeis trabalhavam-lhe as vísceras, separando material de exame necrológico.

Entretanto, ela — Marina — ela mesma — cambaleava, de pé, com todas as dores e convulsões de momentos antes...

— Mãe! Minha mãe! — clamou aterrada — quero viver! viver!...

Outra voz, contudo, bramiu-lhe ameaçadora e sarcástica aos ouvidos:

— Mãe, minha mãe, eu também quero viver! viver!...

Procurou com os olhos agoniados quem lhe falava, mas apenas sentiu que braços vigorosos a aprisionavam.

Lembrou, aturdida, o aborto, os sonhos, a tortura e o suicídio, e esforçou-se terrivelmente para voltar e erguer de novo o corpo tombado na mesa fria.

Mas era tarde...



Presente imprevisto

— Olhe por mim, irmã Nélia! Tenho sofrido demais.

Era D. Flavinha quem pedia à entidade amorosa, na sessão de efeitos físicos, em grande cidade mineira.

E irmã Nélia, materializada, confortava:

— Tudo melhorará, minha filha! Acalme-se. Confiemos em Jesus.

Na reunião imediata, D. Flavinha clamava:

— Socorro, irmã Nélia! Minhas provas são terríveis! Que será de mim? Traga-me um consolo!

A mensageira em serviço respondia:

— Filha, tenhamos paciência e coragem... A luta é instrumento de redenção! A dor é uma bênção que a Lei de Deus nos envia...

Nas preces seguintes, voltava D. Flavinha:

— Irmã Nélia, sofro imensamente! Ampare-me!...

E a emissária do bem:

— Jesus é por nós... Seja a fé nosso guia.

Rearticulada a assembleia de oração, D. Flavinha repetia:

— O' irmã Nélia, desfaleço!... Que será de mim com tantas dores?

A piedosa entidade balsamiza-lhe a alma:

— Filha, não esmoreça! Com o dever retamente cumprido, receberemos do Senhor novas bênçãos! Não desanime, não desanime!

Outras sessões e outros clamores.

A situação perdurava por mais de um ano, quando, certa noite, D. Flavinha rogou com mais lágrimas:

— Irmã Nélia, não posso mais! Auxilie-me, por amor de Deus! Sua caridade tem trazido aqui o remédio para tanta gente! Lembre-se de mim! Traga-me, por Jesus, algum socorro mais decisivo!

E irmã Nélia informou:

— Sim, sim... Tentarei, tentarei...

Quando a sessão terminou, D. Flavinha sorriu pela primeira vez, embora extremamente desapontada.

No seu colo estava, bem posta, grande e curiosa chupeta...



O bom homem

I

Noite de 2 de Dezembro de 1857.

Em homenagem ao Imperador D. Pedro II, que completa trinta e dois anos de idade, há beija-mão no Paço Imperial do Rio de Janeiro.

Não somente isso. Há festas públicas, bailes, cantarolas na rua, girândolas no ar.

Em humilde residência suburbana, João Ferreira de Souza, comerciante de jóias, largamente conhecido pela honestidade ilibada, esperava Maria Amélia, a filha única.

Viúvo, desde muito, consagrara-se a ela. Era-lhe a jovem toda a esperança da vida.

Onze da noite.

Inquieto, escuta vozes no jardim.

Sai pela porta dos fundos. Aproxima-se, sorrateiro, e ainda percebe o par em doce adeus. Um homem que ele desconhece beija-lhe a filha, e parte, apressado.

João apalpa os bolsos, rilhando os dentes, colérico, mas vê-se desarmado.

Abeira-se da moça que volta do baile, e

internam-se, os dois, na casa em que são eles os únicos moradores.

Depois de perguntas ásperas, ouve a menina, que fala em pranto:

— Papai, não me queira mal... Perdoe-me... aguardo um filhinho, mas espero casar-me... Antônio, o rapaz que escolhi, é pobre, muito pobre, mas tudo melhorará... Ajude-nos, Papai, pelo amor de Deus!

O comerciante, agora silencioso, visita o interior doméstico e volta à presença da filha, estendendo-lhe um copo com líquido indefinível.

— E' calmante — diz ele —, tome e descanse. Amanhã conversaremos.

A moça obedece e, logo após, sente, em dores indescritíveis, o choque da morte.

Sorvera arsênico em grande dose.

No dia seguinte, a versão paterna estava aceita.

Todos acreditaram tratar-se de suicídio.

Muito tempo depois, João Ferreira de Souza desencarnou, com o título de "bom homem".

II

Noite de 2 de Dezembro de 1957.

João Ferreira de Souza, noutro corpo de carne, está jovem, numa festa íntima, na casa em que nasceu, em grande arrabalde do Rio.

Consagrado à afeição de moça humilde, afasta-se do sarau, rumo ao jardim, onde com ela se encontra, em transporte afetivo.

O pai, que não lhe apóia a pretensão, segue-lhe os passos. E quando o filho se despede da menina, enternecidamente, interpela-o de chofre.

A advertência é clara e incisiva.

Mas o jovem, acabrunhado, algo explica:

— Papai, não me queira mal... Perdoe-me... aguardo um filhinho, mas espero casar-me... Lenita, a moça que escolhi, é pobre, muito pobre, mas tudo melhorará... Ajude-nos, papai, pelo amor de Deus!

Sensibilizado, afasta-se o genitor em silêncio.

O moço, porém, está nervoso, inquieto.

Pesa-lhe a cabeça, arde-lhe o estômago.

Busca o interior doméstico, à procura de um antiácido.

Na pequena farmácia caseira, toma um vidro e verte o conteúdo na taça com água, bebendo o líquido.

E, em seguida, cai gemendo com dores lancinantes, para receber a morte logo após. Credo valer-se de sal medicamentoso, ingerira arsênico, em grande dose.

E o próprio pai, afagando-lhe em lágrimas o corpo inerte, acreditou tratar-se de suicídio.

Lola - Leila**I**

Sempre Lola Mendez.

Borboleta humana expressando mulher.
Perfumaria e seda farfalhante.

Bailarina admirável. Estonteante beleza.

Transportava a graça nos pés. Ao fim de cada espetáculo, era o centro das atenções. Ceias lautas. Esvaziavam-se garrafas e bolsas.

Dentre todos os admiradores, porém, salientavam-se dois que, por ela, arruinaram a própria vida: Dom Gastão Álvares de Toledo, que abandonara esposa e filhos para fazer-lhe a corte, e Dom Jairo Carízio, que assassinara o próprio pai, às ocultas, para ofertar-lhe mais ouro.

Lola, entretanto, queria mais.

Soberana da ribalta, envolvia-os em sorrisos maliciosos.

Explorou-lhes o coração, até que se vissem, revoltados, um à frente do outro, em duelo fatal.

D. Jairo, mais forte, eliminou o rival, com estocada irresistível; no entanto, obsidiado pela vítima, desceu, a breve tempo, para a caverna da loucura, onde encontrou a morte.

Lola Mendez dançou e bebeu por muito tempo ainda...

Um dia, o espelho contou-lhe a história da velhice.

Rosto enrugado. Cabeça branca. Passo lento.

Amedrontada, aprendeu a encontrar o socorro da prece.

E quando o túmulo lhe acomodou os restos no esquife estreito, veio a saber que Dom Gastão não morrera, que D. Jairo padecia as consequências dos próprios crimes, e que ela própria vivia.

Chorou. Desesperou-se.

Peregrina do sofrimento, errou longo tempo nas trevas.

Um dia, mãos piedosas traçaram-lhe nova senda.

Renasceria no mundo. Seria pobre, muito pobre. Esconderia em lar humilde a passada grandeza.

E, ao lado de homem simples, receberia D. Gastão e D. Jairo como filhos, para reeducá-los. Ela que os havia moralmente aniquilado, na posição de mulher inconstante, reabilitá-los-ia com devotamento de mãe.

II

Lola renasceu.

Chamava-se agora Leila.

Menina apagada. Recomeço laborioso. Trabalho árduo.

Antes dos vinte, desposou Luís Fernandes, metalúrgico modesto.

Segundo o plano estabelecido, os antigos rivais lhe encontraram a rota.

Ressurgiram do seu sangue. Seriam irmãos gêmeos, desfazendo toda a discórdia.

A antiga devedora, contudo, novamente em plenitude juvenil, aspirava a gozar... Queria jóias, prazeres, descanso, luxo...

E, fugindo aos compromissos, praticou o aborto criminoso por quatro vezes, expulsando-os do corpo e do pensamento, como se fossem agentes da peste.

Dom Gastão e D. Jairo, reunidos agora no mesmo instinto de esperança, rogaram-lhe compaixão. Buscavam-na em sonho. Argumentavam. Queriam viver.

A antiga bailarina, porém, recalcitrava...

Banidos violentamente pela quinta vez, ambos tramaram vindita, enceguecidos de ódio.

E quando Lola, agora Leila, se divertia, a distância do esposo, influenciaram-na, totalmente.

Ela se põe a ingerir bebidas alcoólicas.

Noite alta, a moça leviana toma o carro de um amigo, que se propõe conduzi-la de volta.

O velocímetro acusa quarenta, sessenta e, depois, noventa quilômetros à hora.

D. Gastão e D. Jairo, excitados, pressionam a mente da amiga, que, com o terror estampado nos olhos, se diz dominada por fantasmas.

Acreditando-a sob o domínio exclusivo da embriaguez, o acompanhante da noite alegre procura contê-la, sem largar o volante.

Atritam-se. E antes que o freio funcionasse, abre-se a porta, e Leila, ontem Lola, cai no asfalto, partindo o crânio.

O carro dispara, na madrugada cinzenta.

E de tudo o que ficou, entre os homens, nas anotações da manhã seguinte, foi o número da ambulância que recolheu na rua um corpo de mulher morta...

Do outro lado da vida, porém, Leila era violentamente agarrada por dois feros algozes...



Último argumento

Não queria reencarnar. Lutava contra.

Embora as exortações dos benfeitores que o recolhiam, desejava prosseguir esperando-a. Esperando a mulher que lhe embelecera os sonhos da juventude. Perdera-a, sim, mas sabia agora que o táfio não apagava a existência. Por ela, amargara o suicídio. Loucura. Contrariado pelos pais que lhe não aprovavam a escolha, atingira as raias da impaciência.

Dulcila era tudo. Junto dela, olvidava dificuldades, temores, sofrimentos... Bebia a esperança por seus olhos azuis. Durante o dia, procurava-a deslumbrado em cada sorriso de criança e supunha vê-la no colorido de cada flor.

Aguardava, ansioso, o instante de recolher-lhe o sorriso de doce colegial, na pequena cancela da casa pobre. Os cabelos eram bastos fios de veludo negro a lhe emoldurarem a expressão de menina. Passeavam de mãos dadas, faziam promessas de eterno amor. Aqui

e ali, tonto de felicidade, colhia margaridas silvestres para ofertar-lhe um buquê. Ela sorria, corada, feliz. E tornando a casa, Dulcila era a imagem constante dos sonhos que lhe povoavam a noite.

Devaneava, mentalizando o lar do futuro. A escolhida transformada em esposa, e filhinhos a lhe abraçarem o pescoço, dizendo "papai". Entretanto, a família fora inflexível. Os próprios genitores haviam tramado a separação. Seria enviado ao estrangeiro. "O tempo é o anestésico do amor" — dissera-lhe a palavra maternal, entre severa e confiante. Portugal seria o desterro.

Complicações atrás de complicações.

Não resistira. O veneno banira-o do corpo.

O exílio procurado, assim, por ele mesmo, fora talvez mais cruel. Padecera o indescritível. Acompanhara a desagregação das próprias vísceras. Chorara, segregado em pavoroso abismo.

Socorrido, porém, por beneméritos guardiães do Mundo Espiritual, submetera-se às instruções para o reajuste e esperara o tempo com paciência.

Em todas as dores e expectativas, contudo, fora Dulcila a visão regenerativa. Ela, sempre ela a guiá-lo. Luz interior. Anjo refletido no espelho de sua própria alma.

Com semelhantes reflexões, Aurélio, de-

sencarnado, tornava a Olinda, depois da ausência de trinta anos.

Chorando, emocionado, viu de novo o mar tocar, de leve, a praia sem diques.

Entretanto, por toda a parte, o vazio melancólico.

A casa paterna tinha moradores diferentes. E o ninho da janela florida desaparecera.

Dulcila! Dulcila! Onde estava Dulcila que não soubera ou não pudera esperá-lo? Chorou em prece. Queria vê-la, senti-la de perto outra vez.

Desolado, ouviu alguém: — Aurélio, vamos! vamos!

Voltou-se. Era complacente amigo do lar espiritual de que se fizera hóspede.

Acompanhou-o e, em poucos instantes, atingiram elegante residência em Recife. Contornaram o edifício, ganhando os fundos. À porta de pequeno pavilhão estava gorda senhora, em avental muito branco. Aurélio cambaleou. Mais pelo olhar que pelo porte, nela reconheceu a amada de outro tempo. Aproximou-se; no entanto, sentiu-se mal.

Dulcila, ostentando cabelos tintos e jóias caras, procurava disfarçar as pregas do rosto. Um *não sei quê* lhe causava repugnância. Ouviu choro de crianças. Choro alto. O amigo arrancou-o ao torpor, conduzindo-o para den-

tro. Duas jovens, deitadas em leitos simples, mostravam profundo abatimento.

— Que choro é este? — perguntou, assombrado.

— São vozes de crianças não nascidas — disse o companheiro —; estamos numa casa dedicada à criminosa indústria do aborto.

Como que varado por bala assassina, Aurélio recuou.

No pátio, a mulher que lhe fora ídolo estava agora junto de um homem de meia-idade.

O recém-chegado pespegou-lhe um beijo na face pintada e perguntou:

— Quantos casos hoje, meu amor?

— Quatro.

— Tudo bem? Gente boa?

— Como não? — respondeu a dama, piscando um olho. — Nada menos de dois mil cruzeiros cada um... São oito mil.

— Minha Cicila, minha Cicila — exclamou o cavalheiro risonho —, você hoje merece jantar fora... Vamos celebrar...

Aurélio baqueou.

Caído, ali mesmo, no pátio interno, em lágrimas abundantes, rogou à Divina Providência a felicidade de renascer.



Visão de Eurípedes

Começara Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo da mediunidade, em Sacramento, no Estado de Minas Gerais, a observar-se fora do corpo físico, em admirável desdobramento, quando, certa feita, à noite, viu a si próprio em prodigiosa volitação. Embora inquieto, como que arrastado pela vontade de alguém num torvelinho de amor, subia, subia...

Subia sempre.

Queria parar, e descer, reavendo o veículo carnal, mas não conseguia. Braços intangíveis tutelavam-lhe a sublime excursão. Respirava outro ambiente. Envergava forma leve, respirando num oceano de ar mais leve ainda... Viajou, viajou, à maneira de pássaro teleguiado, até que se reconheceu em campina verdejante. Reparava na formosa paisagem, quando, não longe, avistou um homem que meditava, envolvido por doce luz.

Como que magnetizado pelo desconhecido, aproximou-se...

Houve, porém, um momento, em que estacou, trêmulo.

Algo lhe dizia no íntimo para que não avançasse mais...

E num deslumbramento de júbilo, reconheceu-se na presença do Cristo.

Baixou a cabeça, esmagado pela honra imprevista, e ficou em silêncio, sentindo-se como intruso, incapaz de voltar ou seguir adiante.

Recordou as lições do Cristianismo, os templos do mundo, as homenagens prestadas ao Senhor, na literatura e nas artes, e a mensagem d'Ele a ecoar entre os homens, no curso de quase vinte séculos...

Ofuscado pela grandeza do momento, começou a chorar...

Grossas lágrimas banhavam-lhe o rosto, quando adquiriu coragem e ergueu os olhos, humilde.

Viu, porém, que Jesus também chorava...

Traspassado de súbito sofrimento, por ver-lhe o pranto, desejou fazer algo que pudesse reconfortar o Amigo Sublime... Afagar-lhe as mãos ou estirar-se à maneira de um cão leal aos seus pés...

Mas estava como que chumbado ao solo estranho...

Recordou, no entanto, os tormentos do Cristo, a se perpetuarem nas criaturas que até

hoje, na Terra, lhe atiram incompreensão e sarcasmo...

Nessa linha de pensamento, não se conteve. Abriu a boca e falou, suplicante:

— Senhor, porque choras?

O interpelado não respondeu.

Mas desejando certificar-se de que era ouvido, Eurípedes reiterou:

— Choras pelos descrentes do mundo?

Enlevado, o missionário de Sacramento notou que o Cristo lhe correspondia agora ao olhar. E, após um instante de atenção, respondeu em voz dulcíssima:

— Não, meu filho, não sofro pelos descrentes aos quais devemos amor. Choro por todos os que conhecem o Evangelho, mas não o praticam...

Eurípedes não saberia descrever o que se passou então.

Como se caísse em profunda sombra, ante a dor que a resposta lhe trouxera, desceu, desceu...

E acordou no corpo de carne.

Era madrugada.

Levantou-se e não mais dormiu.

E desde aquele dia, sem comunicar a ninguém a divina revelação que lhe vibrava na consciência, entregou-se aos necessitados e aos doentes, sem repouso sequer de um dia, servindo até à morte.

O ensino da luz

— Senhor — disse Tadeu a Jesus, após o dia de trabalho estafante —, qual é o nosso dever maior, na execução do Evangelho para a redenção das criaturas?

O Mestre fitou o céu azul em que nuvens pequeninas semelhavam estrigas de linho alvo.

E falou em seguida:

— Em meio de grande tempestade, inúmeros viajantes se recolheram a enorme casarão que se assemelhava a um labirinto. Porque sentissem medo uns dos outros, cada qual se escondeu nos quartos mais internos e, vindo a noite, em vão procuraram o lugar de saída. Começou, então, enorme conflito. Lamentos. Pragas. Assaltos. Correrias. Pancadas. Crimes nas trevas. Um homem, que por ali passava, ouviu os rogos de socorro que partiam do infeliz reduto e, longe de gritar ou discutir, acendeu a sua candeia e passou entre os amotinados, em profundo silêncio. Bastou a luz dele para que todos percebessem

os disparates que vinham fazendo, ao mesmo tempo que encontravam, por si mesmos, a porta libertadora.

O Mestre fêz grande intervalo e voltou a dizer:

— Se a luz do bom exemplo estiver em nós, os outros perceberão, com facilidade, o caminho.

— E que fazer, Senhor, para semelhante conquista?

Jesus, continuando em sua contemplação do céu, como exilado buscando alguma visão da pátria longínqua, aclarou docemente:

— Procuremos o Reino de Deus e a sua justiça, isto é, vivamos no amor puro e na consciência tranquila... E tudo o mais ser-nos-á acrescentado.

FIM

Francisco C. Xavier

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS

(1ª edição)

Emmanuel, o incomparável autor evangélico de tantas obras-primas da literatura mediúnica, apresenta-nos neste volume magníficas apreciações e comentários em torno da substância religiosa de *O Livro dos Espíritos*, "em cujo texto — conforme assinala o próprio Emmanuel — fixou Allan Kardec a definição da Nova Luz".

São, ao todo, 91 capítulos recebidos por Chico Xavier em igual número de sessões públicas da "Comunhão Espírita Cristã", de Uberaba, e estudam variados temas de alta importância para a vida presente e futura, tais como, por exemplo, "Aborto delituoso", "Alienação mental", "Ao redor do dinheiro", "Mediunidade e dever", "Sofrimento e eutanásia", "A mulher ante o Cristo", "Oração e provação", "Suicídio", "Pena de morte", "Sexo e amor", "Esquecimento e reencarnação", "Pluralidade dos mundos habitados", etc., etc.

E' mais um livro que educa e constrói para a eternidade.

CÉSAR LOMBROSO

HIPNOTISMO E MEDIUNIDADE

(1ª edição)

César Lombroso, o sábio psiquiatra e criminologista italiano que se tornou conhecido e respeitado em todo o mundo, publicou, precisamente no ano de sua desencarnação, em 1909, o livro «*Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici*», notável estudo em que relata numerosas observações e experiências realizadas por ele e outros sábios europeus, durante muitos e muitos anos de investigação.

Após essa primeira edição italiana, lançaram uma segunda da mesma obra, ou melhor, um resumo dela, sob o título de «*Spiritismo ed Ipnotismo*», resumo que também saiu publicado em francês, em inglês, em castelhano, e, quiçá, em outras línguas.

O nosso ilustre confrade, Almerindo Martins de Castro, ao traduzir agora a referida obra para o português, foi mais feliz e agiu mais acertadamente, em lhe dando o título de «*Hipnotismo e Mediunidade*», visto que a obra não cogita propriamente do Espiritismo, da sua Doutrina, mas apenas apresenta um estudo sério e consciencioso de uma de suas facetas — a mediunidade.

Merece notado que a tradução de Almerindo Martins de Castro não foi feita do resumo, mas, sim, da obra originalmente escrita pelo Prof. César Lombroso.

Encontrar-se-á, ainda, no preâmbulo de nossa edição, longa biografia do Autor, compilada por Zêus Wantuil, bem como interessantíssimo e momentoso escrito do Prof. Marzorati, um dos companheiros de Lombroso nas suas experiências medianímicas.

Impresso em magnífico papel, em rica apresentação, com 436 páginas de composição compacta, com dois excelentes clichês no texto, o livro, cujo preço seria de 4 dólares, na América do Norte, está sendo vendido por menos de 1 dólar.

FRANCISCO C. XAVIER
e
WALDO VIEIRA

A Vida Escreve

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
e WALDO VIEIRA

A VIDA
ESCREVE

pelo Espírito de
HILÁRIO SILVA

